

UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO
RIO GRANDE DO SUL - UNIJUÍ

MARJORIE BARROS BOCK

**A PRESENÇA DA MULHER NAS PAUTAS E NA PRODUÇÃO DO RÁDIO DE
FRONTEIRA: UM OLHAR SOBRE A RÁDIO RCC FM DE SANTANA DO
LIVRAMENTO – RS**

IJUÍ/RS

2018

MARJORIE BARROS BOCK

**A PRESENÇA DA MULHER NAS PAUTAS E NA PRODUÇÃO DO RÁDIO DE
FRONTEIRA: UM OLHAR SOBRE A RÁDIO RCC FM DE SANTANA DO
LIVRAMENTO – RS**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo.

Ijuí/RS

2018

UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE
DO SUL
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS, CONTÁBEIS,
ECONÔMICAS E DA COMUNICAÇÃO - DACEC
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO

**A PRESENÇA DA MULHER NAS PAUTAS E NA PRODUÇÃO DO RÁDIO DE
FRONTEIRA: UM OLHAR SOBRE A RÁDIO RCC FM DE SANTANA DO
LIVRAMENTO – RS**

Trabalho monográfico apresentado à Banca de Defesa, como requisito
parcial de avaliação para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social –
Habilitação em Jornalismo.

Data de aprovação: ___ / ___ / _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a. Vera Lucia Spacil Raddatz (Orientadora)

Professora Ms. Marizandra Rutilli (Banca)

AGRADECIMENTOS

À minha maior inspiração de ser humano, minha mãe Rosana Silva Barros, que me apresentou desde cedo ao mundo da leitura e me levou a descobrir a paixão da escrita.

Ao meu pai, Reimar Bock, que sempre acreditou nos meus sonhos, por mais que divergissem dos ideais dele.

À minha avó materna, Elzi Silva Barros, mulher guerreira que me inspira a continuar na luta pelo que acredito.

Ao meu namorado e parceiro de viagem, Gabriel Guiotto, que embarcou junto comigo na pesquisa e percorreu alguns quilômetros até a fronteira para que esse trabalho fosse possível, sempre sendo meu apoio quando precisei.

À minha orientadora Prof^a Dr^a Vera Raddatz, musa inspiradora nos estudos de fronteira e referência profissional. Obrigada por ter acreditado no meu potencial desde o dia que ingressei no curso de Jornalismo.

Aos meus familiares e amigos que entenderam minhas ausências nesses últimos meses.

Aos demais professores da graduação os quais auxiliaram na minha caminhada acadêmica, espero orgulhá-los com minhas contribuições ao mundo da comunicação.

Um agradecimento mais que especial aos profissionais do Grupo A Plateia que me receberam tão bem durante a visita que fiz aos estúdios, principalmente à Keila Louzada e Janete Brada as quais responderam minhas perguntas e sempre estiveram de prontidão para me auxiliar.

*“Yo no sé de dónde soy,
Mi casa está en la frontera.
Y las fronteras se mueven,
Como las banderas.”*

Frontera, Jorge Drexler.

RESUMO

Esta monografia visa compreender de que maneira a mídia radiofônica fronteiriça está se reinventando conforme a cultura de convergência e, a partir da escolha metodológica de um estudo de caso, analisar a representação em pautas da mulher na emissora RCC FM de Santana do Livramento. A proposta é analisar como a mulher está inserida dentro do programa Jornal da Manhã seja como notícia, convidada ou especialista. A pesquisa se baseia em uma análise bibliográfica cuja fundamentação ocorre pelos autores como Jenkins (2009), Traquina (2005), Ferrareto (2014), Colling (2014), Butler (2017), Müller (2015) e Raddatz (2009), a fim de compreender questões sobre as inovações tecnológicas no rádio, gênero e a fronteira. A parte final da pesquisa consiste na observação da rotina e da transmissão do programa Jornal da Manhã, da RCC FM, apresentado por Keila Louzada. A partir disso, analisou-se como ocorre a representação da mulher através de pautas e entrevistas na programação do Jornal da Manhã.

Palavras-chave:

Rádio; fronteira; mulher; convergência midiática.

ABSTRACT

This monograph aims to understand how the border's radio media is reinventing itself according to the culture of convergence and, based on the methodological choice of a case study, to analyze the representation on the women's charts in the RCC FM station in Santana do Livramento. The proposal is to analyze how the woman is inserted in the program *Jornal da Manhã* as news, invited or specialist. The research is based on a bibliographic analysis whose authorship is based on the authors Jenkins (2009), Traquina (2005), Ferrareto (2014), Colling (2014), Butler (2017), Müller (2015) and Raddatz to understand questions about technological innovations in radio, gender, and the border. The final part of the research consists in observing the routine and transmission of the program *Jornal da Manhã*, by RCC FM, presented by Keila Louzada. Based on this, it was analyzed how the representation of the woman occurs through guidelines and interviews in the programming of *Jornal da Manhã*.

Keywords:

Radio, border, woman, media convergence.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 Estúdio RCC FM – Santana do Livramento.....	36
FIGURA 2 Estúdio RCC FM – Santana do Livramento.....	36
FIGURA 3 Estúdio TV A Plateia – Santana do Livramento.....	37
FIGURA 4 Sala de redação Jornal A Plateia – Santana do Livramento.....	37
FIGURA 5 Exibição do programa “De frente com la noticia” da TV A Plateia de 31 out. 2018.....	42
FIGURA 6 Julio Neves administra os monitores para iniciar a transmissão <i>online</i>.....	45

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Índice de violência contra a mulher – Santana Do Livramento.....	33
QUADRO 2 - Mulheres e suas funções dentro da RCC FM - 2018.....	39
QUADRO 3 - Indicadores Criminais em Santana do Livramento.....	43
QUADRO 4 - Análise dos programas para fundamentação da pesquisa.....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. COMUNICAÇÃO E CONVERGÊNCIA: O RÁDIO NA FRONTEIRA.....	13
2.1. Cultura de convergência, comunicação e jornalismo.....	14
2.2. Rádio, história e tecnologias.....	17
2.3. Comunicação radiofônica e produção de sentidos.....	22
3. O RÁDIO NA FRONTEIRA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO.....	26
3.1. Fronteira: uma região para além dos limites.....	27
3.2. Questões de gênero na fronteira: mulher e violência.....	31
3.3. Rádio na fronteira Livramento/Rivera: a presença da mulher na RCC FM....	35
4. RCC FM: RADIOJORNALISMO, TECNOLOGIAS E A MULHER NO RÁDIO DE FRONTEIRA.....	40
4.1. Transmissões <i>online</i> : a convergência midiática na RCC FM.....	41
4.2. Rádio RCC e o Programa Jornal da Manhã: a mulher ao microfone.....	47
4.3. As representações sobre a mulher no rádio de fronteira.....	51
5. CONCLUSÃO.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60

1. INTRODUÇÃO

A mídia abre espaço para as discussões de gênero a partir de temas que envolvem, principalmente, a mulher ganhando mais espaço de visibilidade em uma sociedade patriarcal. Como principal meio de informação na sociedade, o jornalista possui caráter fundamental na construção da realidade a partir das notícias e a abordagem jornalística atua como mediadora das relações sociais, garantindo o direito à informação, com boa apuração, pelo compromisso com a veracidade.

A partir da experiência como bolsista de iniciação científica da Unijuí no ano de 2017, no projeto de pesquisa Mídia e Sociedade: o direito à informação, pelo subprojeto Mídia, Direitos Humanos e Fronteiras Culturais: a mulher como protagonista na mídia de fronteira, adscrito ao Programa de Mestrado em Direito – Mestrado em Direitos Humanos, a pesquisa desta monografia foi delimitada pelo interesse em continuar os estudos que relacionam gênero e a fronteira.

Neste trabalho de conclusão de curso, a abordagem que permite pensar a realidade midiática da fronteira a partir do rádio, analisando-se a presença da mulher nesta mídia em específico é o foco desta pesquisa. Utilizando-se de conceitos de rádio hipermidiático, fronteira e gênero, o interesse despertado pelo trabalho é o de compreender melhor como a mídia radiofônica de fronteira tem atravessado o processo de desenvolvimento tecnológico e, ao mesmo tempo, qual é o espaço que tem destinado à mulher como comunicadora.

Para melhor delimitar a pesquisa, essa monografia fundamenta-se metodologicamente, no estudo de caso sobre a emissora RCC FM de Santana do Livramento, especificamente do programa Jornal da Manhã com o acompanhamento *in loco* da transmissão de um programa e também pela análise de três programas em dias alternados, a fim de se observar de que maneira as mídias desse local têm trabalhado com essas características na prática. Localizada na fronteira oeste gaúcha, na divisa com Rivera, no Uruguai, a RCC destaca-se dos demais veículos de comunicação do interior por adotar um perfil tecnológico. O programa escolhido para ser o estudo de caso, apresentado pela radialista Keila Louzada, adota o formato “rádio com imagem” assim conceituado por Débora Lopes (2012). Ao mesmo tempo em que é transmitido ao vivo pela 95.3, também possui transmissão *online* através do site da TV A Plateia, com um link redirecionando à página do *Facebook* da emissora. Esse diferencial retrata a

necessidade da empresa em encontrar estratégias para evoluir conforme as inovações tecnológicas.

O trabalho é composto por três capítulos, o primeiro sobre a cultura de convergência e a necessidade do jornalismo em se reinventar, a partir das transformações digitais com o suporte de Jenkins (2009), Kischinhevksy (2016), Silverstone (2002), Lopez (2010) e Traquina (2005); o segundo sobre o rádio, fronteira e gênero, fundamentando-se a partir das referências de Colling (2014), Butler (2017), Ferraretto (2002; 2014), Müller (2012; 2015) e Raddatz (2009; 2015; 2018); o último capítulo corresponde à análise final do que foi observado a partir da visitação *in loco*, das entrevistas e dos programas escolhidos para a pesquisa.

Esse trabalho de monografia pretende então, analisar como acontece a presença e a representatividade feminina nesses espaços da mídia, uma vez que a imagem da mulher foi construída historicamente embasada em uma estrutura cultural totalmente patriarcal. Dessa forma, a partir do referencial teórico, de análises e entrevistas foi possível realizar a pesquisa sobre como essa emissora trabalha com as questões de gêneros dentro de sua programação, apresentando um recorte tal qual a mídia radiofônica da fronteira aborda e enxerga temas relacionados com a mulher e frente à convergência midiática.

2. COMUNICAÇÃO E CONVERGÊNCIA: O RÁDIO NA FRONTEIRA

Nas últimas décadas, com o avanço tecnológico e a era digital, a comunicação encaminha-se para um novo formato. O rádio, um dos meios de informação mais antigos, imerso em um cenário de possível abandono, envolve-se em um processo de remodelação para garantir sua sobrevivência no meio digital. A partir de uma análise na indústria da comunicação, as mídias tradicionais encontram na convergência uma nova possibilidade para ganhar público.

Utilizando-se do conceito de cultura da convergência, de Henry Jenkins (2009), neste capítulo é apresentada a maneira com que o rádio se transforma, mercadologicamente, conforme os avanços da tecnologia, tendo que se reinventar para manter e conquistar novos ouvintes. O jornalismo precisa se adaptar a esse novo formato de produção da informação e inserir, em sua rotina, a multimídia, transformando os métodos de produção de conteúdo, compreendendo as tendências e os contextos nos quais seu público está inserido.

Neste capítulo, também será abordada a história do rádio, estabelecendo-se ligações com a chegada da rede digital e a mudança do rádio analógico para o rádio hipermidiático, abordando-se conceitos de Debora Cristina Lopez (2010). A rotina do radiojornalismo toma diferentes formas com a chegada da linguagem multimídia, porque além das informações tradicionais compartilhadas através da fala, o profissional do jornalismo precisa também alimentar conteúdo em outros formatos para garantir que aquilo que seu público procura esteja apurado.

Para melhor explicar esse novo formato das emissoras, utiliza-se do conceito de rádio expandido, por Marcelo Kischinhevsky (2016) cuja influência se dá nas formas de produção dos conteúdos que são divulgados. O autor relata, a partir dessa definição, que o rádio não pode mais ser visto apenas pela sua transmissão através de aparelhos analógicos e pelas ondas eletromagnéticas. Hoje, o rádio está presente também em dispositivos móveis e pode ser acessado de qualquer lugar.

A partir das teorias do jornalismo de Nelson Traquina (2005), explica-se a responsabilidade que o profissional da comunicação exerce na sociedade. Através de sua relação direta com a convergência, o cuidado do profissional com seu papel social e as informações que são divulgadas, demonstra seu compromisso com o trabalho que apresenta.

2.1 Cultura de convergência, comunicação e jornalismo

Os meios de comunicação atuam como uma das principais fontes de informação e opiniões sobre os assuntos da atualidade. O jornalismo, atividade profissional que apura, redige e transforma essas informações em notícias, possui a competência de abastecer as pessoas diariamente com seu trabalho. Segundo Traquina (2005), o jornalismo “é uma atividade criativa, plenamente demonstrada, de forma periódica, pela invenção de novas palavras e pela construção do mundo em notícias”.

A influência das rotinas jornalísticas na produção das notícias é um dos pilares das teorias que constituem o jornalismo. Esses estudos definem que a notícia é uma construção da realidade social (TRAQUINA, 2005) e, ao longo dos anos, tiveram modificações e avanços em suas pesquisas acadêmicas. “Com o novo paradigma das notícias como informação, o papel do jornalista é definido como o do observador que relata com honestidade e equilíbrio o que acontece, cauteloso em não emitir opiniões pessoais” (TRAQUINA, 2005, p. 147).

Na década de 70, a perspectiva central do jornalismo era da teoria do espelho, onde a notícia seria um retrato fiel da realidade e do jornalista. Nesse caso, a objetividade surge como o ponto central da profissão, seu conceito apresenta o jornalista imparcial e indiferente à frente das informações. Mas com o passar dos anos, o próprio autor revela que:

[...] a teoria do espelho, intimamente ligada à própria legitimidade do campo jornalístico, é uma explicação pobre e insuficiente, que tem sido posta em causa repentinamente em inúmeros estudos sobre o jornalismo e, na maioria dos casos, sem qualquer intuito de pôr em causa a integridade dos seus profissionais. (TRAQUINA, 2005, p. 149)

Hoje, a maneira de fazer comunicação mudou. Nos últimos anos, o avanço da tecnologia acarretou em uma reformulação das mídias tradicionais que, ao pensar em evoluir, buscam a oportunidade de transformar seu exercício do jornalismo para um novo público, esse inserido em ambiente online. Com a transmissão digital, o desenvolvimento da imprensa provocou uma modificação nos meios de informação.

As empresas de mídia, nesse novo ambiente digital, repensam sobre as suposições e o que significa consumir mídias atualmente e, fundamentadas em novos consumidores, agora ativos, reformula o formato com que apresentam seus serviços. O jornalista, preocupado com as transformações por que passa a comunicação, começa a compreender

a mídia a partir dessa perspectiva e assim encontra, nessa situação, novas maneiras de produzir e veicular as informações. Para Silverstone (2002, p. 17):

Entender a mídia como um processo – e reconhecer que o processo é fundamental e eternamente social – é insistir na mídia como historicamente específica. A mídia está mudando, já mudou, radicalmente. O século XX viu o telefone, o cinema, o rádio, a televisão se tornarem objetos de consumo de massa, mas também instrumentos essenciais para a vida cotidiana. Enfrentamos agora o fantasma de mais uma intensificação da cultura midiática pelo crescimento global da Internet e pela promessa (alguns diriam ameaça) de um mundo interativo em que tudo e todos podem ser acessados, instantaneamente.

O processo da convergência implica mudanças na produção, na disseminação e na venda dos serviços de informação e comunicação. Entender esse atual cenário do jornalismo é identificar uma continuação da transformação cultural causada pelas novas tecnologias. Mas afinal, o que é convergência? Jenkins (2009, p. 29) diz que “[...] a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos”.

A união de diferentes linguagens para um mesmo suporte comprova a necessidade da cultura de convergência. A multimídia na forma de apresentar a informação garante a efetividade do processo de comunicação atualmente. A tecnologia digital e as redes são o núcleo da convergência e se, esses fatores forem ignorados desse processo, haverá problemas na dinâmica do meio.

A convergência é muito mais do que apenas uma mudança tecnológica, suas transformações modificam a relação das tecnologias com aqueles que a consomem e, conseqüentemente, alteram a lógica da indústria midiática. Os veículos repensam o modo com que estão trabalhando e divulgando seu conteúdo, tendo entendimento que agora seu público é multimídia e demanda informações de diferentes plataformas, mesclando o tipo de linguagem. Jenkins (2009, p. 47) analisa que:

A convergência exige que as empresas de mídia repensem antigas suposições sobre o que significa consumir mídias, suposições que moldam tanto decisões de programação quanto de marketing. Se os antigos consumidores eram tidos como passivos, os novos consumidores são ativos. Se os antigos consumidores eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação. Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos.

Todas as mídias, desde as tradicionais até as mais recentes, são elaboradas a partir de uma linguagem híbrida, sendo uma junção simultânea de vários suportes para produzir uma mensagem final. A convergência dessas linguagens desenvolve uma plataforma multimídia a qual integra redações e auxilia na produção de conteúdo a partir da digitalização dos processos comunicacionais.

A convergência jornalística é um processo multidimensional que, facilitado pela implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicação, afeta os âmbitos tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, propiciando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desconectados, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que se distribuem através de múltiplas plataformas, de acordo à linguagem própria de cada uma. (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008, p. 45)

A definição do perfil do radiojornalista, fundamenta-se na capacidade de uma boa apuração sobre a notícia, comprovando a responsabilidade do mesmo sob o caráter íntegro com cujo profissional atua na sociedade. Para Lopez (2010, p. 117) “o jornalista de rádio, (...), deve compreender a importância da construção de uma narrativa multimídia no jornalismo contemporâneo”.

O rádio vai além de uma linguagem única e unidirecional, segundo a definição de rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) é possível compreender como esse veículo tem atravessado barreiras na comunicação, extrapolando as ondas hertzianas. Limitar o rádio apenas às ondas eletromagnéticas é fadar que sua transmissão seja cada vez mais deixada de lado, diante de uma realidade onde a internet garante seu papel comercial. Nesse processo de convergência das mídias, a busca pelas informações dessas emissoras é também feita através de outras ferramentas, muitas delas *online*.

Para complexificar ainda mais nosso objeto, é preciso definir o rádio como um meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, os sites de jornais, os portais de música. A escuta se dá em AM/FM, ondas curtas e tropicais, mas também em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, *notebooks*, *tablets*; podem ocorrer ao vivo (no dial ou via streaming) ou sob demanda (*podcasting* ou através de busca de arquivos em diretórios). A escuta se dá em múltiplos ambientes e temporalidades, graças a tecnologias digitais que franqueiam também a produção, a edição e a veiculação de áudios a atores sociais antes privados do acesso a meios próprios de comunicação. (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 279)

O avanço das tecnologias e a convergência nos meios de comunicação impacta, cada vez mais, a maneira com que as informações são consumidas. O uso da internet

como auxílio na transmissão das notícias demonstra a necessidade das emissoras em se reinventar, a fim de garantir e ganhar a audiência. A partir do surgimento das mídias digitais, os meios de comunicação tradicionais precisaram se ajustar para que a colisão entre essas plataformas se transformasse em uma interação mútua onde o poder do produtor de mídia e do consumidor fosse flexível.

As análises de Jenkins (2009) partem do pressuposto de que não se deve fazer definições fechadas sobre a convergência e suas modificações culturais, pois a convergência “refere-se a um processo, não a um ponto final” (p. 43). Enfim, não é possível considerar que o desenvolvimento da convergência já tenha sido efetivado, pois as transformações ocorrem gradativamente conforme os anos passam.

O processo de convergência dos sistemas de comunicação está em andamento, ou seja, não é viável delimitar quando ou se terá um término. O rádio, até a década de 80, era limitado às programações disponíveis nas frequências AM e FM. Hoje, com as inúmeras possibilidades através das plataformas digitais, portabilidade iniciada nos anos de 1960, o rádio permite seu acesso por diferentes aparelhos, tornando esse veículo ainda mais móvel. A tendência dos veículos de comunicação é sempre buscar se reciclar, dedicando maior importância à compra de equipamentos de alta qualidade, com vistas a garantir um bom desempenho no trabalho dentro da empresa, buscando manter o ouvinte sempre interessado na programação da rádio.

A convergência demonstra a necessidade que o profissional do jornalismo precisa ao ser capaz em se readaptar frente às novas tecnologias, sendo multifuncional e multimídia. Hoje em dia, para se encaixar em uma empresa não é possível permanecer apenas em um setor da profissão, o repórter precisa entender um pouco de cada área para realizar um trabalho de excelência.

2.2 Rádio, história e tecnologias

Os meios de comunicação se tornaram os principais intermediários de identidades sociais na contemporaneidade, portanto é a partir do estudo da mídia que é possível compreender como esses veículos elaboram as representações e construções de sentidos acerca de vários assuntos. O rádio é uma das mais poderosas mídias já criadas pela humanidade (KISCHINHEVSKY, 2007), a sua idealização mudou a vida das pessoas, pois permitiu a comunicação em massa. Foi a partir dele que a informação pode ser

disseminada em âmbito nacional e até internacional, modificando a proximidade com que a sociedade tinha com a informação.

Utilizado para manter contato entre os navios que estavam no mar, o rádio surge como um utensílio com fins estratégicos nessa situação. Segundo pesquisa realizada pelo Portal São Francisco¹ sobre a história do rádio, em 1906, com a invenção da válvula radioelétrica (tríodo) nos EUA por Lee de Forest, a propagação das ondas eletromagnéticas permitiu uma ampliação dos sinais elétricos, a qual possibilitou ouvir sons transmitidos por ondas hertzianas. Na Primeira Guerra Mundial o rádio entra com a finalidade de realizar a propaganda de guerra, cuja mobilização era nas opiniões em busca de apoio sobre a participação dos Estados Unidos aos Aliados. É nessa época que as transmissões se tornam a principal forma de comunicação.

Quando iniciaram no Brasil, as emissoras de rádio foram implantadas como uma forma de educar a população, a maioria analfabeta. Considerado de elite, o veículo era voltado apenas à veiculação do que era chamado de “alta cultura”, aquela de origem europeia. Por ser um meio dinâmico, de rápida disseminação de informações, o rádio foi significativo para a sociedade por transmitir, em tempo real, a notícia a seu ouvinte. No Rio Grande do Sul, segundo Luiz Artur Ferraretto (2002) mesmo que nenhuma estação de transmissão operasse, já era um símbolo da modernidade em meados de 1924. “Ele fornecia notícias e proporcionava entretenimento”. (FERRARETTO, 2002, p. 29)

Exercendo forte influência na vida dos ouvintes, sendo capaz de criar modas, inovar estilos e inventar práticas cotidianas, o rádio marcou história e fez parte do cotidiano da maioria das pessoas. Desde os primeiros tempos, a radiodifusão apresentou-se como algo de fundamental importância em relação à comunicação à distância, logo se percebeu a importante função que o rádio poderia desenvolver.

O rádio muda suas rotinas desde a transição para o suporte digital a partir da convergência midiática. Conseqüentemente, seus ouvintes, acompanhando tais modificações nesses processos, também migram seus acessos do rádio analógico para a plataforma digital. São exemplos de algumas emissoras que agora possibilitam opções para ouvir a programação da rádio nos sites e em aplicativos de *smartphones*. Ferraretto (2014) relata que “a ampla gama de novidades – computação pessoal, internet, telefonia,

¹ PORTAL SÃO FRANCISCO. **História do rádio**. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-geral/historia-do-radio>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

celular, TV por assinatura... – introduzidas na sociedade ao longo dos anos 1990 e 2000 obriga a uma revisão conceitual nos termos do rádio e de suas peculiaridades”. (p. 16)

Essa nova leitura do rádio, a partir do avanço tecnológico e da internet, constituiu uma visão para a qual é necessário analisar as continuidades e os rompimentos na dinâmica da indústria da comunicação.

Sua situação era difícil: em tempos de Internet, TV por assinatura e DVDs, os antes orgulhosos e volumosos aparelhos de rádio estavam decididamente em baixa. Mesmo os potenciais compradores preferem investir em aparelhinhos portáteis, pagando preços mais em conta, apesar da obsolescência programada para breve pela indústria. (KISCHINHEVSKY, 2007, p. 11)

O rádio é reconhecido como um meio de comunicação que permite a realização de outras atividades enquanto o ouvinte acompanha sua programação. À medida que a internet ganha força e promove a mudança no público, essa característica fica ainda mais evidente. As pessoas iniciam a prática em aliar o acesso às rádios *online* com os outros afazeres, pensando nisso é que as emissoras migram para o suporte digital.

Esse novo formato do radiojornalismo é denominado rádio hipermediático, conceito que Débora Cristina Lopez (2010), desenvolve em seu e-book *Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica*, definindo como a característica multiplataforma e hipermediática age nas rotinas das emissoras. A principal característica desse radiojornalismo é da utilização da fala em diversas linguagens, suportes e, ainda assim, manter no áudio seu foco. O áudio necessita fazer sentido independentemente de seus complementos (sejam eles fotos ou vídeos) pois nem todos os ouvintes fazem questão de buscar um complemento. Para Lopez (2010, p. 119):

Trata-se do rádio hipermediático, que fala em diversas linguagens, em distintos suportes e, ainda assim, mantém no áudio seu foco. [...] o rádio em si precisa se manter como tal. O áudio precisa ser independente e, ao mesmo tempo, complementar. Nem todo ouvinte pode – ou quer – buscar um aprofundamento, uma multiplicidade de linguagens – seja através do rádio digital ou do suporte web da emissora.

O público da rádio sempre foi considerado interativo. Desde a “era de ouro” quando os ouvintes iam até as emissoras participarem dos programas de auditório já era possível compreender a influência que esse veículo de comunicação exercia na sociedade. Naquela época, o público visitava as gravações dos programas para conhecer de perto os artistas e radialistas que entravam diariamente em suas casas.

A partir desses acontecimentos os produtores responsáveis pelos programas começaram a perceber o quanto a presença desse público agregava dinamismo para a rádio e, com isso, gerava o aumento da audiência e, também, dos lucros. Foi por esse motivo que os veículos começaram a investir cada vez mais na interação com seu ouvinte, buscando atrações mais participativas que convocassem um número maior de pessoas para ouvir a programação.

Entretanto, o consumo de informações via rádio hoje já não é mais o mesmo, o público agora tem preferência pela interação *online*. Visando se manter e conservar seus ouvintes, as emissoras de rádio precisam se reinventar dentro da cultura da convergência, pretendendo ganhar oportunidade de ter um relacionamento ainda mais próximo com seu público. Conforme menciona Lopez (2010) “hoje, com celulares de última geração que permitem a realização de fotografias, áudios e vídeos, os ouvintes se tornaram mais ativos. [...] Trata-se de mais um espaço para a voz do ouvinte [...] muitas vezes gera pautas para as redações da emissora”. (p. 121)

A tecnologia não surge como um problema em prol de erradicar ou tomar espaço de alguma mídia, muito menos se torna uma solução plena sobre o futuro dos meios de comunicação. O ponto de vista depende de como o uso dessa ferramenta é empregado nas rotinas de trabalho do jornalismo.

A tecnologia digital propiciou a integração de funções no processo de produção informativa nos distintos meios. Os jornalistas podem assumir tarefas que há dez anos estavam separadas, tais como redação, gravação, fotografia, edição, desempenho de gráficos, projeto e publicação na web. A tecnologia digital também incrementou, de forma notória, a automatização de tarefas. (AVILÉS, 2006, p. 36)

Os modelos convencionais de exercer a produção de conteúdo no rádio são reconsiderados e passam por uma reformulação nas suas programações, no intuito de manter o interesse do público. Com a convergência, abre-se espaço para uma mídia multidimensional que aposta em novas formas de criar conteúdo. Para Lopez (2010), o rádio se encaminha para uma atualização: “desta forma, consegue se relacionar de forma mais amigável com as ferramentas e estratégias que tem à sua disposição, dialogando com outros meios de comunicação e, atualizando-se em relação à realidade e demandas de seu público”. (LOPEZ, 2010, p. 140)

Contudo, é contraditório pensar na crescente integração do rádio à internet e ver o quanto a migração para o sistema de transmissão digital ainda é lento em algumas partes do mundo. Inclusive se questiona o porquê de existir a necessidade em digitalizar esse

sistema de transmissão radiofônica pelas ondas eletromagnéticas e que seja possível acessar as programações das rádios em diversas plataformas – como *smartphones*, *notebook*, etc -. Del Bianco (2010) relata que a resposta se encontra na premissa de que não digitalizar leva a não participar do código comum que é a base da convergência.

A grande diferença do jornalismo digital está no fato da alteração que as relações de forças entre as fontes propiciam. Com o fácil acesso a publicações *online*, todos os usuários possuem a potencialidade como fontes de informação para os jornalistas. É nesse sentido que entra a sensibilidade e o profissionalismo para que seja realizado um trabalho ético de apuração daquilo que é informado. Assim como relata Lopez (2010):

Na internet, as fontes de informação variam. Passam, da mesma forma como as fontes tradicionais, pela classificação entre, fundamentalmente, oficiais e oficiosas. Entretanto, pode-se dizer que, neste ambiente, as fontes, independentemente de sua classificação, encontram um espaço mais aberto e democrático para a transmissão de suas informações. (p. 42)

A tecnologia é uma das ferramentas fundamentais para o trabalho do jornalista. Contudo, é preciso ter clareza de que a sua utilização deve ser delimitada a partir de um recurso tecnológico, e não uma obrigatoriedade que pode afetar no momento da realização do trabalho. Os instrumentos digitais e a internet precisam ser apresentados na rotina jornalística dominada pelo jornalista, usufruindo das potencialidades oferecidas por essas técnicas.

2.3 Comunicação radiofônica e produção de sentidos

A linguagem radiofônica compreende o uso da voz humana, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, os quais atuam isoladamente ou combinados uns dos outros (FERRARETO, 2014). Com esses elementos, o jornalista consegue se fazer claro para disseminar informações pelas ondas do rádio.

A fala, utilizada com mais frequência, garante alto poder comunicativo nesse meio de comunicação, uma vez que em conjunto com a expressividade pode dar muitos sentidos à mensagem. “A palavra, na linguagem radiofônica, assume uma diversidade de funções, muitas das quais são complementares, enquanto outras adquirem maior relevância dependendo do tipo e da finalidade do discurso” (MARTÍNEZ-COSTA, DÍEZ UNZUETA, 2005, p. 46-47).

A transmissão digital melhora a nitidez do áudio, por isso é preciso que o jornalista se preocupe mais com a captação da fala, o cuidado específico com os ruídos ajuda a tornar ainda melhor a experiência do ouvinte. Para Del Bianco (2010, p. 98):

Os sons no rádio criam um mundo visual acústico. Esse poder de edificar imagens mentais poderá ser aguçado com a digitalização. [...] A qualidade sonora digital poderá ser uma grande aliada para os que decidirem pela criação de ambiência acústica mais rica, marcada por vários planos que atualmente são pouco perceptíveis pelo público do rádio analógico.

Ferraretto (2014) ratifica, o erro mais comum é reduzir o rádio apenas a sua oralidade. Pensar que o conteúdo do radiojornalismo seja, exclusivamente, por meio da fala é um rótulo afirmado por conta da predominância da voz nas programações dos rádios. A linguagem radiofônica engloba muito mais que apenas o uso da fala, os demais elementos contribuem em conjunto para a elaboração final da mensagem.

O consumo de informações através do rádio marca uma geração. A sobrevivência desse meio de comunicação é garantida pela relação e consolidação da portabilidade dos aparelhos receptores. Como relata Ferraretto (2014) “trata-se de sua caracterização como uma espécie de companheiro do ouvinte, algo que está próximo no dia a dia e quebra a solidão, seja nas metrópoles, seja nas zonas rurais mais afastadas dos centros urbanos. (p. 26)

[...] Consumimos sem cessar, e por nossa capacidade de fazê-lo contribuimos para, reproduzimos e afetamos consideravelmente a textura da experiência. Nisso recebemos auxílio da mídia. Com efeito, consumo e mediação são, em inúmeros aspectos, fundamentalmente interdependentes. Consumimos a mídia. Consumimos pela mídia. Somos persuadidos a consumir pela mídia. A mídia, não é exagero dizer, nos consome. [...] (SILVERSTONE, 2002, p. 150)

É possível dizer que entre as tecnologias mais recentes a que mais gerou alterações para o jornalismo de rádio foi a internet, solicitando uma revisão das redações quanto às fontes e suportes para buscar informações. As ferramentas como o telefone e os sites de busca online permitem ao profissional a construção de uma notícia sem que a presença física no acontecimento seja requerida.

Com esse radiojornalismo hipermidiático, o papel da internet pressupõe um ambiente imensurável de possibilidades para novas linguagens na hora da produção de conteúdo. É via online que o rádio não enfatiza apenas na fala, mas trabalha também com fotos, vídeos e textos que compõem e dão credibilidade à emissora.

O comunicador, além das informações utilizadas para compor notas, notícias e comentários encontra hoje na internet material

sonoro para compor sua reportagem através de agências de notícias, assessorias de comunicação, sites de outros veículos e bancos de dados. Além disso, acessam também ferramentas alternativas, muitas que trabalham com conteúdo colaborativo, como YouTube, e que podem ser úteis no dia-a-dia do jornalista. (LOPEZ, 2009, p. 479)

Essa nova configuração do rádio apresenta mudanças na linguagem radiofônica, na programação e na forma de interação com os ouvintes. Ao buscar novas possibilidades no momento digital em que está inserido, o rádio se adequa e se fortalece nesses novos modelos de serviços que trabalha, porém também passa por uma série de preocupações quanto à organização.

Segundo Kischinhevsky (2007), o rádio via internet é desterritorializado, isso permite que o público tenha acesso à programação em vários pontos sem dificuldade de sintonização. Mesmo que em alguns pontos do país a internet ainda não chega, existe um processo em construção que provoca e pretende a universalização das emissoras de rádio, para que possam ser ouvidas em qualquer parte do mundo.

Pode-se afirmar que uma das grandes vantagens obtidas com o diálogo entre o rádio e a internet, por exemplo, é disponibilizar ao ouvinte um ótimo meio de manter contato com a sua cultura, país e cidade, uma vez que hoje é totalmente possível acessar rádios de qualquer parte do mundo, assim como enviar mensagens para qualquer parte. (COSTA; COSTA; 2009, p. 504)

O jornalismo constrói sentidos e a programação das rádios também. Agindo como um intermediador de sentidos na sociedade, o jornalista está em um trabalho constante atrás de informações para transformar essas informações em notícias, atuando como um irradiador de histórias. “Os jornalistas veem os acontecimentos como ‘estórias’ e as notícias são construídas como ‘estórias’, como narrativas, que não estão isoladas de ‘estórias’ e narrativas passadas”. (TRAQUINA, 2005, p. 21)

O discurso é o principal produto que se origina da mídia. É a partir dele que os veículos de comunicação constroem enunciados os quais objetivam influenciar e formar opiniões. O texto jornalístico reproduz a forma com que a sociedade compreende a realidade, representando estratégias que, ao se cruzarem, produzem sentidos e valores importantes para o público. O jornalista exerce um papel crucial nesse processo de construção do debate coletivo, ele delimita e organiza as informações que compõem o discurso.

No discurso jornalístico, o acontecimento torna-se notícia quase na mesma velocidade em que irrompe na realidade. É o lastro basilar da significação, um sistema de pensamento

estendido sobre olhares de sujeitos que o ordena como objeto-realidade, tornando-o inteligível. Enquanto conjunto de signos, abarca o ponto de partida entre o mundo objetivo e a tematização semântica (orientação a temas determinados). Se prolifera na epiderme da história nos mais diferentes recônditos e encarna o 'novo', dando forma ao presente comum. (MARROQUIM, 2010, p. 4)

Além dos quatro formatos tradicionais que compõem o rádio, a voz humana, da música, efeitos sonoros e o silêncio (FERRARETTO, 2014), o auxílio da imagem no radiojornalismo hipermediático colabora ainda mais na produção de sentidos. A maneira com que o ouvinte irá receber a informação, a partir desse trabalho com o maior número de ferramentas, indica a importância da convergência midiática. Não necessariamente a utilização da imagem será crucial para o entendimento dessa informação. Muito pelo contrário, “o rádio, que sempre lançou mão da narrativa sonora para falar ao seu público, agora se dirige a ele em multimídia, tem seus canais de interatividade ampliados e diversificados” (LOPEZ, 2010).

A mídia se coloca como mediadora dos conflitos sociais, sem manifestar explicitamente seus posicionamentos entre os diferentes lados. Essa é uma forma com que os profissionais lidam para que haja um certo equilíbrio dos acontecimentos cotidianos. Compreende-se que a notícia é uma construção influenciada por fatores pessoais, sociais, culturais, ideológicos, históricos e tecnológicos que se desenvolvem na sociedade, por isso é importante que a construção dessa seja cuidadosa quanto aos acontecimentos.

O rádio pode ser definido como um grande articulador das comunidades onde está localizado, porque além de ser um construtor de sentidos, ainda cumpre o papel de formação da cidadania. Através das pautas que envolvem assuntos importantes para a discussão, provoca a reflexão nos ouvintes e cria um espaço para debater questões sociais. A pesquisadora sobre o rádio na fronteira, Vera Raddatz (2009), confirma que o papel do rádio fronteiriço vai muito além de informar, ele atua como um articulador de temas do interesse comum, de maneira que a fronteira seja olhada de modo singular, como um território que vai além da ilegalidade.

São as características próprias desse veículo de comunicação que propiciam uma cobertura ampla dos acontecimentos permitindo que se desenvolva nesses lugares localizados mais distantes dos centros urbanos. Conforme Raddatz (2015, p.213), “ainda é o rádio que oferece conteúdo predominantemente local e trata das questões que dizem respeito à lógica da vida do fronteiriço, como avisos de utilidade pública, o câmbio da

moeda naquele dia, o movimento na aduana, a segurança pública local e a movimentação da população destes lugares”.

Em uma perspectiva histórica, o rádio precisa ser analisado como um instrumento social, político e cultural. Ele é um dos principais canais que serve para a divulgação de informações e também como incentivo à cultura a partir de sua função promotora de conteúdo. Sua linguagem e outras técnicas definem informações e constroem uma credibilidade como é o exemplo da cidadania.

Como explica Guindani e Martins (2015, p. 168):

(...) o rádio atualiza-se e se complexifica, atuando como um fundamental meio de comunicação acessível a público cada vez mais amplo – agora também virtual -, mas, sobretudo, acessível a um público em que a oralidade é privilegiada, devido ao não acesso às redes digitais, como é a situação de muitas regiões consideradas rurais e como é o caso das regiões fronteiriças, distantes das capitais.

Entre os meios de comunicação de massa, costuma-se dizer que o rádio é capaz e pode atingir o maior número de pessoas. Por possuir características de abrangência, portabilidade, instantaneidade e uma linguagem simples, é um veículo de comunicação que apresenta um alto poder de uso e penetração na sociedade. Nesse sentido, o rádio torna-se um elemento a fim de humanizar, promovendo a troca de informações e a comunicação entre as pessoas. A comunicação não tem fronteiras e quando inserida em conjunto com conceitos e valores ligados à cidadania, desenvolvimento e bem estar, agrega cada vez mais para o local onde está inserida.

3. O RÁDIO NA FRONTEIRA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

A discussão de gênero ganha cada vez mais visibilidade na mídia. No que concerne às pautas referentes à mulher, no que diz respeito à fronteira, em boa parte das situações é para apresentar a mulher em situações relacionadas a algum tipo de violência. Isto aparece por exemplo, nos resultados da pesquisa *Mídia, Direitos Humanos e Fronteiras Culturais: a mulher como protagonista na mídia de fronteira*², cuja análise precedeu sobre notícias veiculadas de agosto de 2017 a maio de 2018, observando a maneira como a mulher é representada na mídia de fronteira. Este estudo confirmou que o desafio da mídia fronteiriça é pensar que os sujeitos dessa região possuem gêneros e de como isso implica nas relações de poder e dominação, criando representações sobre a fronteira e nas representações sobre a mulher. (BOCK; RADDATZ, 2018).

É importante, portanto, que a comunicação também discuta questões relacionadas a gênero. A partir dos estudos realizados pelas pesquisadoras Ana Maria Colling (2014) e Judith Butler (2017) sobre a construção do conceito gênero, esse capítulo pretende discutir a representação da imagem da mulher na mídia de fronteira. Sobre fronteira, são utilizados os estudos de Müller (2012), contribuindo para compreender que muito mais do que limitar um território, as zonas fronteiriças “demarcam limites ou sinalizam eixos de contato; determinam o perímetro de regiões, países ou se definem como pontos de aproximação; identificam contornos ou passam a ser referência como espaços de integração entre povos e grupos”. (p. 69).

Neste capítulo, apresenta-se a localização territorial do estudo elaborado nesta pesquisa: a fronteira Santana do Livramento – Brasil e Rivera – Uruguai. A divisão entre essas cidades é marcada por obeliscos de pedras que delineiam essa fronteira seca. Mesmo com políticas e leis diferentes, as cidades “se intercompletam, vivendo em muitos aspectos a mesma realidade, sendo suas características tão semelhantes, tendo-se a sensação de se estar no estrangeiro e no Brasil ao mesmo tempo e vice-versa”. (SILVA, 2010, p. 84)

O fator geográfico com a inexistência de barreiras físicas facilita a conformação de práticas sociais constantes na área de junção entre o Brasil e o Uruguai. A pesquisadora Vera Raddatz (2009) também auxilia na construção para a definição de

² Projeto adscrito ao Projeto de pesquisa *Mídia e Sociedade: o direito à informação*, desenvolvido junto ao Programa de Mestrado em Direito – Mestrado em Direitos Humanos, da Unijuí.

fronteira e como o rádio fronteiro se diferencia por estar localizado em um território singular a partir das características simbólicas da fronteira.

3.1 Fronteira: uma região para além dos limites

O primeiro pensamento sobre fronteira está associado a um conceito de espaço limítrofe, utilizado para demarcar geopoliticamente os países. Mas em um âmbito muito mais amplo, revela-se um território com características de ambiguidade a partir da divisão e diferenciação dos povos que ali vivem. O contexto da fronteira vai além dos espaços físicos. A região fronteira apresenta relações históricas e culturais que também marcam sua narrativa.

Historicamente a região da fronteira é marcada por conflitos. Por ser um território de transição de pessoas e produtos é também visto como um ambiente periférico nas relações de poder, sua representação é geralmente associada a um espaço de violência por conta dos crimes de tráfico e contrabando, em detrimento da integração existente entre as nações vizinhas.

Para compreender a fronteira é indispensável uma leitura inicial sobre o contexto sócio-histórico na qual ela está inserida. Como um espaço de diversidade onde coexistem identidades, nela surgem novas e diferentes realidades socioculturais. Raddatz (2009, p. 21) explica que:

O termo fronteira vem do latim, *fronteria* ou *frontaria*, a parte do território que fica *in fronte*, nas margens. No idioma inglês, temos: *frontier* e *border*, que dizem respeito, respectivamente, ao espaço territorial de nação e ao espaço internacional. De qualquer modo, ambos nos conduzem à ideia de dualidade que aí reside. Aliás, isso é uma constante, pois ao pensar em fronteira automaticamente nos vêm à cabeça outros dualismos além do nacional e do internacional, como: local e regional, nacional e estrangeiro, identidade e diferença, o eu e o outro, espaço e tempo, físico e virtual.

A globalização permitiu que os cidadãos tivessem a oportunidade de maior mobilidade no espaço a qual estão inseridos. Com o fenômeno da desterritorialização, acentua-se a ideologia de que a cultura, a economia e política não possuem mais fronteiras. A migração (tanto de pessoas como de produtos) acontece com maior facilidade e, mediante a busca por melhores condições de vida, guia os indivíduos a vivenciar o contato com outras culturas, estabelecendo assim trocas com vistas a novas possibilidades e experiências.

As fronteiras são lugar de passagem, mas também de ancoragem. Carregam na sua marca as histórias e as vivências dos homens do lugar. O fato de uma cultura fronteiriça ser ambígua, mestiça e híbrida, mostra o quão rica em diversidade a fronteira pode ser. A pesquisadora da área de comunicação e fronteiras, Karla Maria Müller (2015), defende que existe uma identidade fronteiriça em que se destaca a pluralidade e o permanente movimento dos elementos que a constituem. Ao mesmo tempo em que se misturam língua e costumes, também são evidenciados os elementos da identidade nacional. “O fronteiriço tem consciência de possuir uma identidade nacional que necessita ser reforçada a todo instante para garantir a diferença na relação com o vizinho”. (MÜLLER, 2015, p. 132). E essas marcas de identidade, próprias dos fronteiriços, são expressas por meio das falas, dos gestos e das rotinas quotidianas.

A vinda de imigrantes árabes e palestinos, que interessados em abrir seus negócios não recebem tanta atenção e olhares curiosos à sua cultura, pois estão presentes em um lugar onde já existe várias nacionalidades, reflete as trocas culturais realizadas diariamente no espaço fronteiriço. Essa riqueza cultural se torna comum aos habitantes daquele lugar, e como Karla Müller (2012, p. 70) esclarece: “isto favorece o acolhimento de outros costumes (mesmo que de modo gradual) e a conquista pelo respeito dos habitantes locais”.

O objeto de pesquisa do estudo de caso dessa monografia é a Rádio RCC FM de Santana do Livramento, cidade que faz fronteira com Rivera no Uruguai. Situada na região da Campanha, Livramento é um dos municípios mais antigos e o segundo maior em extensão territorial do Rio Grande do Sul com 62.681 km² o que representa aproximadamente 22% da área territorial do Rio Grande do Sul.

Segundo os estudos sobre essa fronteira, orientados por Maurício Pinto da Silva (2010, p. 77), “historicamente, a questão fronteiriça entre Brasil e Uruguai, no século XIX esteve marcada por diversas batalhas e ataques em constantes movimentos de recuos e avanços, permeados por tratados diplomáticos firmados entre as novas nações que se consolidavam”. Com 82.464 habitantes, segundo o último censo do IBGE de 2010, a cidade faz divisa seca com Rivera, no Uruguai. São divididas apenas pela Avenida João Pessoa, conhecida como a “fronteira da paz”, devido a uma cultura de integração surgida da convivência internacional pacífica e por ser “*la mas hermana de todas las fronteras del mundo*”, além de também ser a “cidade símbolo da integração do Mercosul”. Livramento registra mais de 100 quilômetros de faixa de fronteira seca com o Uruguai.

Em cidades conurbadas e semi-conurbadas existem lugares de convivência que são desfrutados por moradores de ambos os lados da linha de fronteira. Entre eles, podemos citar praças, parques, restaurantes, bares, agremiações, salas de espetáculos etc. Sem que haja distinção entre a procedência do público frequentador, ou de artistas que estejam apresentando um show, ou da língua em que um filme seja exibido, os acontecimentos se desenrolam sem maiores problemas. Percebe-se a presença de marcas de um dos países ali dispostos lado a lado, mas elas não impedem o estabelecimento de relações harmônicas entre os habitantes do lugar. (MÜLLER, 2012, p. 72)

Conforme informações do site oficial do município de Santana do Livramento, a cidade foi fundada em 30 de julho de 1823, com a doação de sesmarias pelo Marquês de Alegrete, utilizadas para a construção de uma capela com o mesmo nome da cidade. Porém, foi só no ano de 1857 que se tornou município, quando se emancipou de Alegrete e, em 1862, teve a demarcação definitiva de suas terras a fim de estabelecer os limites com o país vizinho.

A cidade de Rivera, capital de mesmo nome de seu departamento no Uruguai, está situada ao norte do país e possui uma área total de 9.370 km², correspondente a 5,31% da área total do país. Foi fundada em 07 de maio de 1862, com o nome de Pueblo Ceballos em memória do vice-rei espanhol Pedro de Ceballos, mas só em 1867 foi elevada à categoria de cidade e teve seu nome mudado para homenagear o general Fructuoso Rivera, responsável pelas principais lutas pela independência do Uruguai.

Livramento-Rivera é uma fronteira tranquila, um conglomerado urbano importante, mas que guarda características de interior, fortemente arraigada àquilo que é tradicional. Como toda região de fronteira, o lugar aprendeu a encontrar soluções para as questões mais importantes, uma espécie de autossuficiência que carrega consigo também a queixa ao abandono, mencionado por todos os que moram em regiões como essa. (RADDATZ, 2009, p. 40)

Rivera foi construída a partir de uma estratégia do governo uruguaio para proteger a fronteira, impedindo que o povo brasileiro avançasse nas terras vizinhas. Em 22 de dezembro de 1936, a cidade foi proclamada cidade turística por uma lei nacional. Porém, atualmente, o maior atrativo e uma das principais atividades econômicas da cidade são os *free shops*, que oferecem produtos importados com isenção ou redução de impostos. A decisão de implantar essas lojas foi do governo do Uruguai em 1986, visando a atrair turistas. Na época, apenas as cidades de Rivera e Chuy tiveram a autorização, após alguns anos se espalhou para outras cidades, como Rio Branco, Aceguá e Artigas.

As mãos que conduzem os tererés se misturam com as que seguram o chimarrão, é difícil reconhecer e diferenciar a água quente da fria, assim como o que acontece com a pluralidade de culturas e línguas que são miscigenadas nas ruas de Livramento e Rivera.

Como Müller (2012) relata: “se por um lado há incorporação de alguns hábitos dos povos do país vizinho, como expressões idiomáticas, por outro, há constatação da aceitação e preservação de diferenças” (p. 72).

Muito da identidade na fronteira é fruto das representações produzidas pela mídia da fronteira. A influência que os meios de comunicação exercem para além do seu redor, sinaliza o ciclo de transformação a que o ser humano está condicionado no mundo contemporâneo. O acesso à informação garante a democratização da sociedade. É a partir do rádio, do jornal, da televisão ou da internet que a população tem contato mais rápido e fácil com o que está acontecendo em todo o mundo. É notória a importância da mídia e como ela possui influência na vida das pessoas, confirmando seu papel fundamental no desenvolvimento da humanidade.

O rádio cria representações na área da fronteira, muitas dessas a partir de práticas socioculturais que estão presentes diariamente na região. Para compreender esse veículo de comunicação em especial, é preciso observar os elementos que envolvem a fronteira, como explica a pesquisadora Karla Müller (2012) “os meios de comunicação da região atuam reconhecendo o seu alcance dentro de um espaço físico que é também internacional e, por isso, tudo o que repercutir sobre o local pode ter impacto também nas relações de poder e soberania” (p. 77).

A mídia é um processo (SILVERSTONE, 2002), e esse entendimento implica reconhecer que a presença dela é fundamental no ambiente entre as relações sociais. Os diferentes veículos de comunicação deveriam assumir o papel de elevar o nível de informação e conhecimento que a população recebe, podendo torná-la, intelectualmente mais desenvolvida e tecnicamente mais útil.

(...) Pois a mídia é, se nada mais, cotidiana, uma presença constante em nossa vida diária, enquanto ligamos e desligamos, indo de um espaço, de uma conexão midiática, para outro. Do rádio para o jornal, para o telefone. Da televisão para o aparelho de som, para a internet. Em público e privadamente, sozinhos e com os outros. (SILVERSTONE, 2002, p. 20)

A imagem retratada sobre a fronteira na mídia é estereotipada. O clima tenso com que seus moradores lidam, diariamente, por conta da violência, contrabando ou tráfico é divulgado através de notícias e reportagens que constroem e formam a representação da fronteira para as outras regiões. Não pela sua natureza arbitrária, em que é preciso atender aos rituais fronteiriços quando se passa na aduana, mas pela ordem natural, a fronteira é um espaço físico em que as identidades primárias do lugar foram interrompidas pela

formação do território, e foi se construindo como uma região longínqua dos grandes centros de decisão do país. Por conta dessas características, esses locais do mundo geralmente aparece na mídia com uma representação negativa, associada ao crime e ao ilícito, sendo que a mídia também contribuiu para a difusão desse tipo de imagem.

3.2 Questões de gênero na fronteira: mulher e violência

A discussão de gênero ganhou mais espaço para discussão nas mídias a partir de assuntos como a diferença salarial, jornadas duplas de trabalho, dentre outros afins. A inserção da mulher na história ainda é recente, o protagonismo feminino ganha impulso nos últimos anos justamente pela maior visibilidade dos movimentos feministas nas mídias.

Essa ascensão e a conquista que as mulheres têm obtido nos espaços e figurado nas posições mais importantes da sociedade não foi um processo rápido, o renascimento do feminismo, nos anos 70, garantiu às mulheres direitos legais como o acesso à educação superior e abriu caminho para a entrada delas na área dos negócios. Porém, esse progresso é recente e não exclui um passado em que a mulher teve um papel quase invisível na história. A desmistificação da mulher como um sexo frágil foi construída a partir de uma luta incansável contra a inferioridade de uma cultura patriarcal que rebaixava o sexo feminino e o conceituava como inferior, restrito à casa, ocupando papéis de esposas ou mães.

A utilização do conceito gênero indica que a condição da mulher não seja determinada pela sua essência feminina. A classificação tradicional do feminino e masculino como sexo sempre fez com que a sociedade enxergasse a mulher a partir de sua natureza e de seu corpo, destinando-as à promiscuidade sendo encaradas como seres, primordialmente, sexuais. É o que explica Ana Maria Colling (2014, p. 28):

Falar em gênero em vez de falar em sexo, indica que a condição das mulheres não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção, de uma engenharia social e política. Ser homem/ser mulher é uma construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram sujeitos. Neste sentido, é necessário criticar, desmontar estereótipos universais e valores tidos como inerentes à natureza feminina.

A necessidade dessa definição surge a partir da tentativa em contemplar uma fala androcêntrica que, ao articular sobre a sociedade, abrangia todos os seres. A importância de utilizar esse conceito é a de indicar que a condição das mulheres não é mais restrita a

sua natureza, ao fato de que menstruam e engravidam, comprovando que as características físicas não inferiorizam ou magnificam. O gênero diferencia, socialmente, as pessoas, levando-se em consideração os padrões histórico-culturais atribuídos para os homens e às mulheres.

A partir desse discurso, é necessário desconstruir um estereótipo produzido ao longo da história, a feminilidade para a sociedade, explicita os limites impostos pela sua natureza, uma vez que a hierarquia da diferença dos sexos garantiu o privilégio ao ideal masculino sob a desculpa da diferença dos sujeitos perante a sua estrutura física. Como explica Colling (2014) a sociedade tipificou a mulher a partir de seu corpo e de suas produções, fechando-a na reprodução e na afetividade. A natureza destinava as mulheres ao silêncio e à obscuridade, impossibilitando-as de outras formas de criação.

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (BUTLER, 2017, p. 27)

O discurso masculino sobre o corpo da mulher naturaliza a feminilidade a partir da capacidade de reprodução, expressando que a condição feminina se dá apenas pela maternidade. Essa fala confirma a desigualdade hierárquica vivida na sociedade. Pierre Bourdieu (2014) explica que a definição social dos órgãos sexuais não é apenas um registro de propriedades naturais, mas “produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças”. (BORDIEU, 2014, p. 29).

No território fronteiro, esse contraste social é ainda mais acentuado por conta da identidade cultural desta região, composta por diferentes elementos que caracterizam os povos que nela residem. Os modos de vida, as línguas ali presentes e os valores fazem com que estudar a violência de gênero na fronteira seja ainda mais complexo e delicado. A existência dessa identidade, causada por uma interação social entre as diferentes culturas, efetiva um conjunto de costumes e valores de uma população que se reinventa para habitar uma área.

A imagem da mulher na mídia de fronteira está, frequentemente, associada à violência ou a violação dos direitos de gênero. As representações sociais de gêneros se

caracterizam por repassar uma figura constrangedora da mulher, refletindo sobre aquilo que é retratado nos veículos de comunicação, na maioria das vezes, espelhando a opinião que provém da sociedade em si.

A condição fronteiriça impõe desafios específicos para resolver os acontecimentos próprios da violência de gênero. Por se tratar de uma área onde os problemas com a criminalidade e a segurança são postos em evidência para serem solucionados com urgência, casos de violência contra a mulher, por exemplo, recebem uma atenção secundária e levam mais tempo para serem resolvidos, o que representa que existe uma carência de projetos destinados a esse fim. Como citam Monteiro e Amaral (2015, p. 150):

Apesar da evolução das políticas para as mulheres no Brasil, ainda não é possível dizer que a Faixa de Fronteira tenha apresentado grandes avanços no enfrentamento à violência contra a mulher, uma vez que a rede de proteção à mulher ainda é inexistente ou incipiente na grande maioria dos municípios da Faixa. Diante desse quadro, as iniciativas recentes da Secretaria de Políticas para Mulheres encontram plena justificativa e poderiam se estender para além das cidades gêmeas selecionadas para os projetos iniciais. Essa ampliação da rede necessita de esforços combinados com outros ministérios e outras esferas do poder público.

Conforme dados divulgados pela Secretaria de Segurança Pública (SSP) - Departamento de Integração, Planejamento e Política de Segurança - Observatório Estadual de Segurança Pública no início de 2018, a cidade de Santana do Livramento possui uma população feminina de 43.088. Desse total, 337 mulheres foram casos de violência em 2017 no município que faz fronteira com o Uruguai. Das cidades fronteiriças gaúchas, Livramento é a segunda com mais dados relatados desde 2012: 1.767, segundo informações do site da Secretaria de Segurança Pública.

QUADRO 1: Índice de Violência contra a Mulher – Santana do Livramento

CIDADE	2017	TOTAL (DESDE 2012)	% (vítimas/total)	População de mulheres	Taxa de mulheres vítimas / 10.000 hab 2016
Santana do Livramento	37	1.767	0,70	43.088	70,55

Fonte: Elaboração própria reeditada a partir dos dados publicados pela Secretaria de Segurança Pública (SSP) - Departamento de Integração, Planejamento e Política de Segurança - Observatório Estadual de Segurança Pública. (2018 – *on-line*).

Ota (2006) relata que mesmo com os projetos em andamento, isso não traduz a elaboração de uma política de fronteira nacional que possa garantir uma infraestrutura onde a comunidade possa enfrentar a violência constituída pelos crimes do tráfico de drogas e migração clandestina. Esta é uma questão crucial para quem trabalha com políticas de segurança nas regiões fronteiriças.

Muito mais importante do que divulgar o fato ocorrido, é analisar o contexto histórico e social onde este fato acontece. Portanto, em vez de noticiar crimes contra a mulher, o jornalismo pode analisar a questão profundamente, não no sentido de investigar o crime, mas buscando desconstruir os discursos preconceituosos, contribuindo para tecer a vida que emerge da fronteira, ciente dos seus problemas, dos seus conflitos, e também de práticas socioculturais que atravessam o limite do visível. Assim, o jornalismo corresponderá aos princípios do direito à informação dos cidadãos e o respeito aos direitos humanos.

A realidade da fronteira é única. E para a mídia, ao mesmo tempo em que ela é tratada num contexto local, precisa ser abordada numa conjuntura maior que inclui a região e mais de um país. Os meios de comunicação da região atuam reconhecendo o seu alcance dentro de um espaço físico que é também internacional e por isso, tudo o que repercutir sobre o local pode ter impacto também nas relações de poder e soberania. Nesse aspecto, a mídia situada na fronteira trabalha na perspectiva do exercício de reconhecimento das identidades culturais e realidades sociais que permeiam os países separados por uma faixa geográfica, mas tão próximos pelas rotinas e experiências de sua população. (MÜLLER, 2012, p. 77)

O jornalismo, a partir da perspectiva de seu viés social, precisa contribuir para modificar a maneira como a mulher é representada na mídia. É mais importante analisar o contexto histórico e social em que esses fatos estão inseridos do que apenas divulgá-los. O discurso social sobre a inferioridade feminina se reflete, tanto na sociedade como nos relacionamentos afetivos. Ao analisar os meios de comunicação e as formas de produção da comunicação, pode-se afirmar que a mídia atua como mediadora em um processo de dar visibilidade às informações. A abertura da mídia aos movimentos feministas dá maior visibilidade à discussão sobre o tema do protagonismo da mulher. Entretanto, o empoderamento feminino ainda é tratado a partir de um debate pouco explorado dentro da sociedade.

Quando se trata de violência e segurança na faixa de fronteira em geral, a questão é apresentada dentro de uma relação com o tráfico de drogas e o contrabando, principais crimes cometidos nesse local. Esse ponto de vista exclui, na maior parte dos casos, situações de atenção às políticas de segurança pública as quais acontecem com segmentos

mais vulneráveis da população. Embora as ocorrências de violência contra a mulher não sejam específicas da área fronteiriça, elas ganham maior proporção por receberem pouca atenção devido à prioridade de outros assuntos pelos órgãos de segurança dessa região.

3.3 Rádio na fronteira Livramento/Rivera: a presença da mulher na RCC FM

A mídia é uma importante força que dissemina não apenas a informação ou o conhecimento, mas também influencia o comportamento e o modo de vida da sociedade, a partir da criação de representações do pensamento e das práticas culturais. Ela atua como instrumento das relações sociais e, principalmente, dos espaços sociais, econômicos e culturais, a mídia deixa de ser apenas um meio técnico para se tornar uma dimensão da sociabilidade atualmente.

A identidade do rádio mudou, significativamente, nos últimos anos, principalmente por conta dos avanços tecnológicos. “Se o rádio hoje ultrapassa fronteiras territoriais, além das ondas curtas, é porque o desenvolvimento tecnológico lhe permitiu e as concepções acerca do seu formato, seus propósitos e conceitos também foram se adequando ao contexto e às ideias” (RADDATZ, 2009, p. 73). As pessoas encontram no rádio uma parceria, uma companhia de cotidiano, e essa identificação do público revela o caráter de espontaneidade que o jornalismo tomou.

A comunicação do rádio via web não tem fronteiras, embora apresente limites tecnológicos. Não ter fronteiras pode significar abrir espaço para diferentes identidades, pois além de estar integrado a uma rede, contribui para o processo de ampliação das fronteiras culturais, sai de um campo de domínio regional para integrar-se ao espaço da globalização. (RADDATZ, 2007, p. 98)

A emissora escolhida para o estudo de caso dessa monografia é a RCC FM, rádio integrante do Grupo A Plateia de Santana do Livramento, cidade que faz fronteira com Rivera no Uruguai. Inaugurada em 1983, teve como proprietários iniciais Roberto Ross Netto, Claudio Omar Haubmann, Jorge Augusto Saldanha Laurent, Edgar Sanchez Laurent e Alfrânio Mello Franco Nabuco. Nessa época, integrava uma rede de mais duas emissoras localizadas em Pelotas e Rio Grande, na região sul do Rio Grande do Sul. O hotel Portal foi sua primeira sede e é caracterizado como uma programação de perfil jovem.

A rádio RCC FM é integrante do grupo A Plateia de comunicações, que também possui o Jornal, a TV e o provedor de internet A Plateia. Em 2004 teve sua última venda,

quando a família Brada assume como os próximos proprietários. Sob nova direção, muda-se o formato com novos programas, a fim de criar um diferencial na emissora. Segundo o diretor de Operações do Grupo, Kamal Brada, nesse tempo a informação também começa a tomar espaço e um novo perfil de rádio é definido dentro da empresa. O perfil adulto de uma rádio voltada à comunidade continuou, porém foram incrementados estilos diferentes de programas, como o esportivo.

A emissora conta com equipamentos para transmissão de alta tecnologia, operando com o transmissor da marca Teclar de 5.000 watts. É também a única emissora da região com antena de seis elementos na torre de transmissão, o que torna um diferencial para a rádio. A rádio RCC FM foi pioneira na Região Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), antes mesmo da Rádio Gaúcha Sat, da qual é afiliada, na transmissão do seu sinal no celular mais vendido no mundo, o *iPhone*. Hoje em dia, o ouvinte pode acessar à programação da rádio em qualquer parte do mundo, sem precisar estar na frente do computador.



FIGURA 1: Estúdio RCC FM – Santana do Livramento

Foto: Marjorie Barros Bock

Data: 21 set. 2018

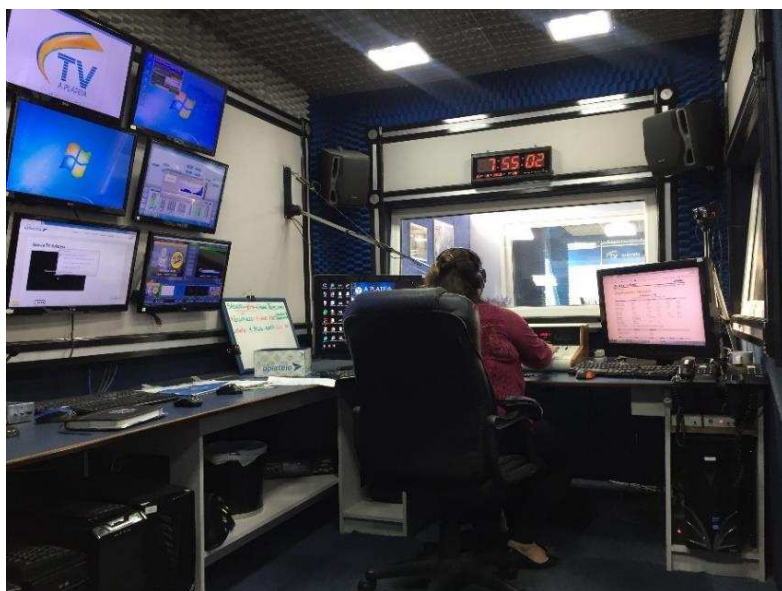


FIGURA 2: Estúdio RCC FM – Santana do Livramento

Foto: Marjorie Barros Bock

Data: 21 set. 2018

FIGURA 3: Estúdio TV A
Plateia – Santana do Livramento
Foto: Marjorie Barros Bock
Data: 21 set. 2018



FIGURA 4: Sala de
Redação Jornal A Plateia
– Santana do Livramento
Foto: Keila Louzada
Data: 05 nov. 2018

A mídia de Livramento e Rivera lida com o constante intercâmbio entre brasileiros e uruguaios, esta troca resulta expressões novas entre o português e o espanhol, ao criar o chamado “portunhol”, trabalhando também com comportamentos sociais e morais diferentes, cujo trânsito se dá livremente entre as cidades. É preciso à imprensa entender que as identidades culturais e suas realidades, quando permeiam as cidades são próximas, mas se fragmentam, criando novas representações para essa região.

As representações do cotidiano aparecem no rádio por força das práticas socioculturais e dos elementos que constituem o contexto sócio-histórico em que está inserido, sem ficar imune às influências também externas. Compreender isso dentro do formato radiofônico, isto é, dentro de uma representação dessa diversidade num só lugar é tarefa complexa. Daí por que o rádio de fronteira, embora se preocupe com as temáticas do cotidiano e do local, não consegue ignorar ou separar as diferentes manifestações culturais que são próprias daquela região e também de outros lugares. (...) (RADDATZ, 2009, p. 77)

É fundamental que a emissora tenha clareza sobre a identidade definida para que o trabalho realizado pelos profissionais atinja o sucesso, levando informação aos seus ouvintes. A identidade é a combinação de tudo que a rádio irá representar para o seu

público, sendo capaz de reconhecer a partir dos elementos a imagem da própria rádio. Warren (2005) explica, “a identidade da emissora pode ser obtida, principalmente, por meio do que é oferecido aos ouvintes em termos de programação” (p. 97).

Ao conversar sobre o assunto com a radialista Keila Louzada³ a qual trabalha como produtora e apresentadora na Rádio RCC FM de Santana do Livramento é possível perceber que não existe uma preocupação enfatizada quanto a questões voltadas para uma comunicação única e exclusiva da fronteira. Entretanto, mesmo sem esboçar intencionalmente o cuidado nessa abordagem, Keila admite que por ser uma região fronteira a englobar duas cidades com diferentes culturas, aumenta-se o leque de pautas que podem ser discutidas na programação.

Os assuntos que constituem os programas refletem no cotidiano e na realidade da fronteira, pois ouvintes tanto do território uruguaio como das terras brasileiras ouvem a rádio e interagem com os profissionais. Conforme informações do censo uruguaio de 2011, 12.882 pessoas declararam o Brasil como seu país de nascimento. Em Rivera, segundo o portal "Brasileiros no Mundo" do Ministério das Relações Exteriores, as informações são de que 3.572 brasileiros residem na cidade de Rivera.

Passadas muitas décadas de que a mulher teve seus direitos políticos, profissionais, e sobre seu próprio corpo e individualidade limitados, nos dias de hoje, no Brasil, apesar das pequenas conquistas, ainda não é possível falar no fim das desigualdades de gênero. A mulher ainda sofre com salários inferiores e profissões estereotipadas que causam uma taxa cada vez maior de violência de gênero. “As mulheres muitas vezes dependem financeiramente do marido e por isso têm medo de denunciar, agora a questão do emprego está cada vez mais difícil aqui em Santana do Livramento, então geralmente só o homem trabalha, a mulher fica refém e com medo de tomar alguma decisão”, comenta Keila.

No Grupo A Plateia o time feminino é significativo. Especificamente na rádio RCC FM são quatro: Keila Louzada, locutora, produtora e operadora; Laura Saraiva, diretora comercial; Michelle Peres Velazco, vendedora de anúncios e Janete Brada, diretora do Grupo, setor de recursos humanos e financeiro e também participa na locução.

³ Entrevista pessoal concedida por Keila Louzada em setembro de 2018 em visita de observação *in loco* aos estúdios da RCC FM em Santana do Livramento.

QUADRO 2: Mulheres e suas funções dentro da RCC FM - 2018

Nome	Cargo	Ano de ingresso na emissora
Janete Brada	Diretora do grupo, atuante na empresa no setor de recursos humanos, financeiro e também na locução da rádio	2004
Keila Louzada	Locutora, produtora e operadora	2014
Laura Saraiva	Diretora Comercial	2011
Michelle Peres Velazco	Vendedora de anúncios	2018

Fonte: Elaboração própria a partir de informações cedidas em entrevista com a diretora Janete Brada.

Janete relata que ser mulher em um cargo de chefia é um privilégio, mas não é um trabalho fácil. A maioria dos colaboradores e diretores são homens e esse número requer um empoderamento ainda maior das mulheres no conhecimento do trabalho e também no desenvolvimento pessoal. Em setembro de 2018, ela investiu em um curso de gestão emocional e pessoal em busca de reforçar a necessidade de melhorar a comunicação, a interação com qualidade entre os colaboradores e a identificação de problemas nos setores para atuar com serenidade.

Em Santana do Livramento o índice de violência contra a mulher é muito alto e isso pode ser explicado pelo machismo que ainda é muito evidenciado na região fronteiriça. Por ser um local onde muito do seu cotidiano está relacionado ao tradicionalismo, a maioria dos casos, segundo Keila, refere-se a drogas e o consumo de bebidas alcoólicas.

4. RCC FM: RADIOJORNALISMO, TECNOLOGIAS E A MULHER NO RÁDIO DE FRONTEIRA

A rádio de fronteira aqui estudada, caracteriza-se pela transmissão de sua programação através do canal FM, além de disponibilização via *web* no site da TV A Plateia e também na *fanpage* da emissora. Conforme entrevista com a diretora Janete Brada é observado que a sua programação, voltada principalmente à utilidade pública, preocupa-se com informações apuradas e com veracidade para a população fronteiriça, característica que construiu a reputação e garantiu expressiva participação da audiência em seus programas.

A emissora RCC FM, pertencente ao Grupo A Plateia de comunicação, exerce seu trabalho jornalístico na fronteira há 35 anos e se distingue das demais rádios do interior por estar sempre atenta aos avanços tecnológicos. Situada na área de fronteira seca entre o território brasileiro e o uruguaio, a rádio conta com profissionais das duas nacionalidades e proporciona informações nas duas línguas, abrangendo ambas regiões.

Para elaboração deste estudo de caso foi agendada uma visitação *in loco* com a finalidade de conhecer os estúdios e acompanhar a rotina da produção e apresentação do programa Jornal da Manhã, escolhido como *case* de estudo, o que se desenvolveu no dia 21 de setembro de 2018. Na ocasião foram realizadas atividades como a observação direta do programa estudado, entrevistas com profissionais, fotos e gravações. Neste capítulo serão discutidos os temas abordados nas entrevistas e observados durante o acompanhamento dos programas escolhidos para análise.

Ao enfatizar a mídia fronteiriça de um região pouco divulgada na mídia tradicional esta, quando evidenciada, sofre de um estereótipo construído a partir da imagem que a mídia jornalística cria de um território marcado pela violência, tráfico de drogas e contrabando. Nesse sentido, o Grupo A Plateia busca inovar no ramo tecnológico a fim de desconstruir essa ideia.

A finalização desse capítulo acontece com a análise focada na representatividade da mulher dentro do programa Jornal da Manhã. A proposta é observar de que maneira a mulher é inserida dentro da programação semanal do objeto de estudo, seja como notícia, convidada ou especialista.

4.1 Transmissões *online*: a convergência midiática na RCC FM

A emissora RCC FM é caracterizada como uma rádio voltada para a comunidade e que prioriza a informação. Conforme os profissionais entrevistados que compõem o grupo, o propósito principal é realizar um trabalho de qualidade para o público, com segurança em relação aos problemas que são trazidos pela comunidade. Por constituir fronteira diretamente com a cidade de Rivera, a emissora de Livramento tem seu leque de pautas maior pela posição geográfica que ocupa.

Com muitos ouvintes uruguaios e também os chamados *doble chapa* (cidadãos com dupla nacionalidade: brasileira e uruguaia), a rádio recebe mensagens diárias de moradores de Rivera, os quais contribuem para a produção dos programas. A radialista Keila Louzada destaca, “parece que não tem duas cidades”, uma vez que o trabalho das polícias acontece em conjunto e, assim, auxilia e resulta na união que agrega em melhorias aos habitantes da fronteira. Outro exemplo dessa cooperação é durante a semana binacional do trânsito, a partir do trabalho em conjunto dos Departamentos de Trânsito das duas cidades.

A cidade de Rivera é bem mais adiantada, estruturalmente, por conta de questões de gestão, que diferem bastante do Brasil, além da maneira com que são distribuídos os recursos do país. Em razão disso, as cidades possuem grandes diferenças, mas os profissionais fazem com que as pautas de ambas sejam abordadas na programação da rádio. “Ter Rivera como cidade vizinha agrega e acaba por ser aliado na questão do jornalismo, por conta dos assuntos que podem ser abordados durante o programa”, revela a entrevistada. Nos últimos meses essa fronteira deu abertura a pautas que se referem à regularização dos *freeshops*, ao turismo e ao dólar. Esses assuntos estão intimamente ligados e dizem respeito às duas cidades.

O Grupo A Plateia é o único grupo de mídia no país que inclui a língua espanhola, através de editoria própria em espanhol, no jornal impresso, *online*, TV e rádio. Esse é um diferencial e um papel importante para a emissora, pois engloba notícias de ambos os países, sejam elas políticas ou sociais. Além disso, inserido no Grupo, trabalha o repórter uruguaio Wáshington Pereira que apresenta as notícias na língua estrangeira. O jornalista é responsável pela edição do Jornal A Plateia em espanhol, além de apresentar o programa “*De Frente con La Noticia*” exibido na TV A Plateia. Wáshington é o encarregado de todas as coberturas referentes a Rivera e ao Uruguai.



FIGURA 5: Exibição do programa “*De frente com la noticia*” da TV A Plateia de 31 out. 2018

Fonte: Canal do Youtube da TV A Plateia

As fronteiras são abordadas como um espaço singular construído a partir de múltiplas relações de trânsitos e pertencimentos (ALBUQUERQUE e CARDIN, 2018) e têm sua imagem construída a partir daquilo que a mídia divulga sobre essa região. O jornalismo é um instrumento a serviço da integração das comunidades e nas zonas fronteiriças pode promover ou não a integração entre os povos que vivem nos dois lados, a partir da veiculação das notícias sobre essa região. É frequente observar que quando acontecem divulgações em níveis regional ou até nacionais sobre a fronteira, essas notícias geralmente são enfatizadas a partir de casos de desordem natural, tecnológica, social ou moral.

A mídia vende a imagem que a sociedade em geral apresenta sobre a fronteira, no noticiário de outras cidades, Santana do Livramento aparece como destaque, na maioria da vezes, por conta das apreensões de caminhões com conteúdo contrabandeados. Não está sendo excluído que esses eventos realmente acontecem, quando questionada, Keila conta que nos últimos meses é perceptível o aumento na fiscalização por parte da Polícia Rodoviária Federal – PRF e, conseqüentemente, apreensões mais seguidas. “Automaticamente, quando acontece o aumento da fiscalização, também haverá mais notícias sobre esse assunto, e a mídia não pode ignorar o fato de que isso realmente acontece”, revela Keila.

Keila categoriza Livramento como uma fronteira com pouca criminalidade evidenciada, já que por se tratar de uma fronteira seca, e comparada a outras, apresenta um índice menor de casos. “Ainda encaro como uma cidade tranquila, por se tratar de uma fronteira”, relata. Essa colocação entra em contraponto aos indicadores criminais divulgados pela Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul, no ano de 2018 que apresenta números elevados de ocorrências em Livramento de abigeato, furto de veículo e posse de entorpecentes em relação às outras cidades de fronteira gaúcha.

QUADRO 3 - Indicadores Criminais em Santana do Livramento

CIDADE	SANTANA DO LIVRAMENTO
Total de vítimas de Homicídio Doloso	5
Latrocínio	0
Furtos	823
Abigeato	167
Furtos de veículos	82
Roubos	137
Roubos de veículos	3
Estelionato	93
Delitos Relacionados a Armas e Munições	21
Entorpecentes – Posse	162
Entorpecentes – Tráfico	32

Fonte: Elaboração própria reeditada a partir dos dados publicados pela Secretaria de Segurança Pública (SSP) - Departamento de Integração, Planejamento e Política de Segurança - Observatório Estadual de Segurança Pública. (2018 – *on-line*). Dados atualizados em 07/10/2018.

A questão observada é a maneira com que a mídia propõe a abertura para as notícias fronteiriças e como essa abordagem poderia ser diferente, auxiliando na construção de um estereótipo diferente da fronteira para as outras regiões. A zona fronteiriça tem muitas coisas boas que eventualmente a própria cidade não saiba vender, como por exemplo, Livramento é considerada o segundo destino turístico do Rio Grande do Sul, ficando atrás apenas de Gramado, um dos maiores pontos turísticos gaúchos. Os moradores sabem que o destino não é propriamente a cidade brasileira e sim a zona de compras que os *freeshops* uruguaios criaram, entretanto entendem que essa movimentação afeta também no lado gaúcho, contribuindo para a área hoteleira e alimentícia, aumentando verbas turísticas e também a economia do município. Com a regularização do *freeshops* na zona franca do lado brasileiro, a expectativa é que essa realidade aponte mudanças, uma vez que a mídia começará a noticiar uma perspectiva melhor da fronteira.

Em entrevista, a advogada e diretora do Grupo A Plateia há sete anos, Janete Brada, ressalta que o editorial da emissora “não pactua com sensacionalismo ou

posicionamento que venha a prejudicar principalmente a credibilidade e reflexos negativos comerciais”.

A rádio parte de princípios de administração sólidos, de respeito entre os colaboradores e ouvintes, enaltecendo os apoiadores, patrocinadores e parceiros comerciais. Conforme Raddatz (2009, p.112) a RCC FM preocupa-se com “o aspecto tecnológico e a formatação de uma programação que agrade à audiência mas também seja economicamente sustentável está dentro dos princípios de administração da emissora”.

Segundo Janete, “quando a rádio foi adquirida a mesma funcionava de forma tradicional, com poucos investimentos que acompanhassem as novas tendências, principalmente no que diz respeito ao mundo digital”. Foi a partir dessa situação que os donos começaram a pensar na necessidade em estar mais próximos de seus ouvintes e o investimento em tecnologia seria crucial para que isso se concretizasse. “Isso ocorreu, inicialmente, através de site com transmissão ao vivo e interação com o ouvinte, e foi se ampliando através da transmissão pela TV A Plateia e pelas redes sociais. Creio que o forte desse processo ocorreu há mais de 3 anos”, avalia Janete. Pelo slogan “À frente do seu tempo”, o Grupo transparece a importância que a administração dá às tecnologias, e é através desse cuidado que os proprietários buscam não se perder no tempo e no espaço para estar sempre informado sobre as tecnologias.

Com a convergência midiática, a emissora teve de pensar em uma maneira para manter e ganhar mais audiência, uma vez que é notório que algumas pessoas não possuem tanto mais o hábito de ouvir o rádio através de um aparelho de som. Foi com esse pensamento que iniciaram a transmissão ao vivo dos programas de rádio pelo site da TV A Plateia. O programa entra na grade da TV e as mídias se complementaram ao longo do tempo, incrementando na interatividade com o ouvinte.

Depois de um ano e meio realizando a transmissão, houve o aumento do engajamento surgiu a partir dos comentários postados na página do *facebook* do Jornal A Plateia que possui 105 mil curtidas. Essa nova ferramenta proporcionou maior visibilidade aos programas e aumentou o número de pessoas que acompanhavam a página. Keila declara que não houve uma diferença na linguagem radiofônica, mas com a presença da imagem é necessário cuidar com termos comuns utilizados durante a fala como “olha aqui” quando mostrado algo na câmera. Keila revela que ainda é preciso lembrar que a maior parte dos ouvintes provém do rádio.



FIGURA 6: Julio Neves administra os monitores para iniciar a transmissão *online*.

Foto: Marjorie Barros Bock

Data: 21 set. 2018

O repórter que faz as reportagens e entrevistas pela unidade móvel também dispõe de uma câmera, além do microfone para noticiar pelas duas ferramentas. Cleizer Maciel filma no celular com a ajuda da ferramenta *osmo*⁴ para estabilizar as imagens e tenta descrever com o máximo de detalhes o que é filmado para a *live*. “É preciso se policiar e ter cuidado para que o ouvinte entenda o que está acontecendo”, ressalta Keila. No carro da unidade móvel o sistema transmite para o rádio através da mesa o que é divulgado ao vivo.

Segundo a radialista Keila, algumas transmissões já chegaram a quase mil espectadores, isso demonstra como a informalidade do jornalismo está em ascensão. A apresentadora garante que a geração da internet prefere outro estilo de consumir o jornalismo e essa multimidialidade garante isso aos ouvintes: a escolha da ferramenta para acompanhar o programa. A facilidade que as transmissões ao vivo pelas redes sociais traz é justamente a de não precisar seguir uma grade de programação. É por isto que a torna tão importante dado que a notícia não tem aviso prévio e pode ser que necessite de divulgação a qualquer momento. As emissoras necessitam se reinventar, a fim de garantir informações de qualidade.

A proposta de sistematização dos vídeos para o rádio é conceituada por Lopes (2012) como “rádio com imagem”, a partir da proposição de que esse uso como complementação das mídias pode ser subdividido em metajornalístico e jornalístico. Essa característica demonstra que o diálogo entre as diferentes plataformas pode modificar o

⁴ Acessório da empresa DJI que ao conectar com o celular garante estabilidade à imagem.

modo como a informação é consumida. A empresa precisa compreender as potencialidades que a internet dispõe e explorá-las com a integração das redes sociais e, com ela, as possibilidades de compartilhamento.

Nesses casos, o fio condutor da produção é o áudio, como prevê o rádio hipermediático, já o vídeo assume um papel fundamental no aprofundamento e/ou na localização e expansão da notícia. A complementação metajornalística aparece quando o processo de produção da informação é detalhado em vídeo – é o caso de imagens do jornalista buscando uma fonte que não quis atendê-lo, de imagens que ressaltem a quantidade de tentativas feitas pela equipe até obter as informações ou um simples vídeo de bastidores. (LOPES, 2012, p. 88)

Estruturalmente, a emissora é uma das melhores em termos tecnológicos da região interiorana, os diretores investem cada vez mais em equipamentos para aperfeiçoar o trabalho dentro da empresa. O último investimento foi a tecnologia *tieline*⁵ a fim de melhorar a qualidade do áudio que o repórter da previsão do tempo, Luiz Fernando Natchigall, utiliza. Ele faz a gravação pelo celular e, com essa tecnologia, a transmissão não é interferida por chiados e oferece a facilidade em transmitir ao vivo para externas com maior qualidade.

O avanço tecnológico da RCC influencia até certo ponto da audiência, mas o ouvinte é de fato o que mais interessa, pois o rádio, em síntese, se faz de forma simples e objetiva. A tecnologia é importante, porque dá acesso à notícia instantaneamente, e isso facilita porque um mesmo profissional durante o horário de trabalho, mesmo fazendo locução, dá conta de captar várias informações e produzir quadros e programetes, buscando e trocando material pela internet e pelo telefone de dentro do próprio estúdio. (RADDATZ, 2009, p. 113)

O Grupo A Plateia conta também com aparelhos *drones* que fazem as imagens aéreas quando necessárias para auxiliar na programação, oferece *tablets* nos estúdios e foi o pioneiro na disponibilização de serviços via *iPhone* entre os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Outro fato que complementa a necessidade do grupo em estar sempre se instruindo sobre as inovações tecnológicas que surgem no mercado da comunicação, é o surgimento de mais um serviço oferecido à comunidade fronteiriça. Desde 2015 a empresa ampliou seus conhecimentos no segmento de telecomunicações e fornece o provedor de internet em alta velocidade através de radiofrequência e fibra óptica. São mais de 32 pontos de distribuição via rádio na zona urbana e rural e fibra óptica em diversas localidades da cidade de Santana do Livramento.

⁵ Aparelho que utiliza a internet para enviar dados de áudio. No estúdio da rádio tem uma central que disponibiliza 10 IP ou seja, 10 pessoas poderiam falar pelo link do *tieline*. A quantidade dele é superior, porque o número de dados que ele envia é muito maior que o telefone fixo, melhorando assim a comunicação.

4.2 Rádio RCC e o Programa Jornal da Manhã: a mulher ao microfone

Compreender o papel da mulher na mídia contemporânea é um desafio, visto que a sociedade ainda é predominantemente machista. Essa ideologia patriarcal surge a partir da divisão de trabalho e bens, segundo Castañeda (2006) o machismo é a compreensão de que exista uma polarização dos sexos, instituindo que o masculino seja representado como superior. A negligência dos veículos de comunicação é a maneira como são representadas as questões de gênero, em consequência, quando uma mulher jornalista ocupa um espaço na mídia, esse lugar é, geralmente, em programas de beleza, colunas de moda e comportamento, contribuindo para a construção de uma ideia preconcebida da mulher.

Nesta pesquisa, o objeto de estudo é a emissora RCC FM de Santana do Livramento – RS, e incluso em sua programação foi escolhido o estudo de caso para fundamentá-la através da atuação da radialista Keila Louzada como apresentadora do Jornal da Manhã, programa voltado ao radiojornalismo de fronteira e transmitido de segunda a sexta-feira das 8h às 10h.

Keila iniciou em 2014 na emissora, após concluir o curso de radialista pelo SENAC de Santana do Livramento em novembro de 2013. A também pedagoga (formada pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM) iniciou sua paixão pelo rádio despretensiosamente. “Faço parte da comunidade evangélica e ouvi que seria exigido uma qualificação para quem faz as programações aos jovens dentro da Igreja, pensando nisso me inscrevi no curso”, relata Keila Louzada. Em julho de 2014 iniciou na RCC FM como repórter da unidade móvel, atualmente feita por Cleizer Maciel. Na época estava encarregada de cobrir pautas que eram programadas pelo produtor, a maioria delas necessitava de deslocamento pelo centro ou bairros da cidade. Depois de um ano trabalhando nessa função, em 2015 Keila foi chamada a fazer participação no estúdio do programa Jornal da Manhã.

O programa Jornal da Manhã foi criado pelo radialista Jorge Flores em 2004, pensado inicialmente para ser um programa similar ao “Correspondente Ipiranga” da rádio Gaúcha. O primeiro formato era de matérias e entrevistas gravadas e editadas previamente, até o retorno de Danúbio Barcellos à cidade, dois anos depois da criação do programa, que assumiu a ancoragem. Por um ano o radialista comandou sozinho o Jornal

da Manhã e, em seguida, teve o apoio de Henrique Bachio, que desempenhou o trabalho de repórter.

O programa passou por muitas mudanças até chegar ao formato atual. Em 2016 Sérgio Dávila assumiu a apresentação do programa no lugar de Cleizer Maciel, já que trabalhava também em um dos programas musicais da emissora. Nesse mesmo ano, Keila foi convidada para participar do programa direto do estúdio ao lado de Sérgio e Cleizer, agora encarregado pela unidade móvel. Durante essa fase, o Jornal da Manhã tinha a duração de apenas uma hora e meia, com o aumento da interação dos ouvintes e, conseqüentemente da audiência, foi preciso aumentar meia hora, hoje finalizando às 10h.

Sérgio ficava em um estúdio, fazia a mesa e lia as notícias. Keila no outro estúdio repassava as mensagens recebidas pelo *whatsApp* e agregava com a leitura de outras notícias. Cleizer cobria as pautas originárias da rua e também fazia alguns comentários entre as notícias. No momento da divulgação das notícias esportivas acontecia a descontração, pois com Sérgio e Cleizer gremistas e Keila a única colorada, faziam brincadeiras a partir da colocação de seus times nos campeonatos. Ela relata que “esse estilo trazia leveza ao programa, fazíamos brincadeiras sem deixar de trazer a notícia e claro, tudo com limites para não ocasionar problemas”.

No começo, os diretores da emissora estranharam esse tipo de interação no programa pois queriam um “estilo Jornal Nacional”, como explica Keila. Mas a credibilidade aumentou cada vez mais a partir desse novo formato de apresentação, o público a partir do aumento da interatividade demonstra gostar da maneira como o jornalismo estava sendo feito de forma mais espontânea. Hoje o programa Jornal da Manhã possui uma das melhores audiências da emissora, segundo o diretor de Operações do Grupo, Kamal Brada, e isso é fruto do perfil criado pelos apresentadores ao longo dos anos, que deram origem a uma identidade cada vez mais íntima com o público.

Em maio de 2018, houve uma reorganização na formação do Jornal da Manhã. Atualmente o programa é formado por Keila Louzada, que apresenta do estúdio, lê as notícias e mensagens que chegam pela rede social do programa, Cleizer Maciel com as pautas da unidade móvel e Julio Neves, responsável pela parte técnica.

Quando chega na emissora, a primeira atividade de Keila é com a produção do programa, é ela quem repassa as pautas no grupo de *whatsApp* onde estão todos os profissionais atuantes no programa. Às 8h inicia o correspondente Ipiranga pela rede Gaúcha SAT, a qual a RCC FM é integrante desde 2007. Para o Grupo, a afiliação foi um

incremento essencial na caminhada pela consolidação da informação na emissora, a partir dessa conquista a rádio alcançou mais anunciantes e passou a projetar a rádio para o Estado.

Ao iniciar o programa, as principais notícias dos sites Gaúcha ZH, Correio do Povo, Site Mídia, etc.. são lidas e Keila, automaticamente, faz a adaptação para a linguagem radiofônica. Para auxiliá-la no estúdio, Julio Neves coloca a TV A Plateia no ar e contribui no atendimento aos telefones: são dois ramais e um sem fio. Logo no início do programa o repórter e funcionário do Hospital Santa Casa de Misericórdia, Nilton Irineu Souza Minho, é o responsável pelas chamadas de nascimentos e falecimentos com informações direto do hospital. Cleizer Maciel entra em seguida com as notícias da unidade móvel e também realiza as entrevistas. A previsão do tempo fica a cargo de Luiz Fernando Natchigall, direto da MetSul⁶.

O caráter de importância da interação é ainda mais visível quando se observam as pautas abordadas no programa, as notícias locais são sempre problemas ou situações do cotidiano geralmente trazidas pelo público. O ouvinte, através do número de *whatsApp* do programa interage através de mensagens ou ligações a fim de resolver os problemas que presencia. As principais reclamações são sobre iluminação pública, lixo, buracos, problemas de pavimentação, etc... a apresentadora juntamente com o repórter e o técnico buscam encaminhar a resolução dos problemas que chegam até a emissora, contatando com as fontes de credibilidade na cidade. Essas fontes são pessoas que fornecem informações como membros ou representantes dos grupos de utilidade pública da sociedade.

Segundo Keila são mais de 50 mensagens recebidas diariamente, dessas é necessário uma leitura rápida para filtrar o que pode ser divulgado no ar. Além de receber as pautas, a emissora pensando numa maior interatividade com os ouvintes, lançou a ideia de repostar em sua página do *facebook* as imagens recebidas pelo público durante a apresentação do programa.

E não são só os ouvintes brasileiros que contribuem na programação, os uruguaios também participam através do aplicativo de mensagens instantâneas. O programa busca abordar pautas que interferem também na cidade onde faz fronteira, como a mudança do horário de verão que afeta diretamente na cidade de Rivera (pois a mesma não utiliza essa

⁶ Principal empresa privada de Meteorologia do Sul do Brasil especializada em consultoria climática com atuação nos setores de mídia, agronegócio, indústria, comércio, seguros e outras áreas de prestação de serviço. Site: <https://metsul.com/>

troca) e também na divulgação de eventos com valores nas duas moedas: pesos uruguaios e reais. Durante a transmissão do desfile de 20 de setembro, por exemplo, a emissora também teve um público significativo de Portugal e do Paraguai acompanhando a programação, isso demonstra a diversidade da interação com que a emissora trabalha. Fato averiguado a partir de mensagens recebidas através do *whatsapp* durante a transmissão da *live* do desfile.

Por manter fronteira direta com a cidade de Rivera no Uruguai, a linguagem deve ser bem específica, uma vez que o português falado pelos bilíngues dessa região é um dialeto do português brasileiro urbano. O português gaúcho da fronteira tem um recorte do pampa com predomínio da linguagem gauchesca. Um exemplo disso acontece quando se informa a previsão do tempo, Keila utiliza na programação o termo “babar água”, para falar sobre a chuva que se aproxima nos próximos dias. O “portunhol” é fruto do trânsito, da migração e do intercâmbio entre os dois países, da interação social e da necessidade da comunicação imediata entre as pessoas. Podemos considerar o “portunhol” como uma língua étnica, segundo STURZA (2004).

A fronteira possui várias línguas que circulam pelo seu espaço. Como relata Sturza (2004, p. 152):

Em zonas fronteiriças, tão socialmente diluídas como as do Brasil com o Uruguai, é natural que o relacionamento dos falantes com as línguas seja uma consequência das características sociais, geográficas e históricas do processo de formação das comunidades existentes nas zonas limítrofes desses países. Neste sentido, o modo como os falantes se relacionam com as línguas é determinante para caracterizar a distribuição das línguas no espaço geográfico e social do qual se constitui a região da fronteira.

Para finalizar o programa, a última chamada é a leitura das notícias da dupla GreNal que causa maior descontração entre os profissionais que aproveitam o momento para brincar por conta da rivalidade das torcidas dos times gaúchos. Esse contato desinibido entre a apresentadora e o repórter aproxima ainda mais o público que participa enviando mensagens, cresce com isso a interatividade e se ganha cada vez mais o gosto por ouvir seu nome na rádio. Para Keila “a tendência do jornalismo mudou e a tecnologia está promovendo essa interatividade”, pensar em melhorias no relacionamento com o ouvinte é fundamental para manter a audiência.

Raddatz (2009) escreve que compreender o papel que o rádio assume na vida dos ouvintes não tem pátria e que isso se torna ainda mais comum na zona fronteiriça. As pautas que refletem assuntos de interesses mútuos estimula a interação entre as

populações, “o rádio funciona, então, como um dos porta-vozes dos interesses dessas sociedades e fator potencial para a construção das identidades desses povos” (RADDATZ, 2009, p. 79)

Além do Jornal da Manhã, a locutora também faz participações em outros dois programas da emissora: o Canal Livre, às 11h30 e o Conversa de Fim de Tarde, que inicia às 17h30. Nesse último Keila é a única mulher que compõe a mesa com mais três outros integrantes homens. Ela revela que precisou conquistar seu público, pois na fronteira as pessoas têm medo e vergonha do microfone, e por conta disso é preciso ter cuidado ao realizar uma abordagem, principalmente em entrevistas na rua. Especialmente durante a época em que a radialista fazia seu trabalho como unidade móvel, conheceu muitas pessoas e assim, foi adentrando no programa. Comenta que possivelmente essa seja a razão de ter tido uma aceitação mais fácil, a partir do momento em que as pessoas criaram uma relação mais próxima com ela.

4.3 As representações sobre a mulher no rádio de fronteira

O programa Jornal da Manhã possui a característica de apresentar pautas cotidianas, na maioria delas trazidas por sugestão dos ouvintes. Em específico sobre assuntos que tenham conexão com a mulher geralmente são pautas sobre violência de gênero, ligadas a registros da Lei Maria da Penha na Delegacia de Polícia de Pronto Atendimento – DPPA de Santana do Livramento. As notícias são buscadas pelo repórter da unidade móvel, Cleizer Maciel, que ao realizar sua primeira entrada no programa, às 8h15, apresenta as informações que a DPPA divulga ao público.

Metodologicamente, a pesquisa dessa monografia baseia-se no estudo de caso sobre a emissora RCC FM de Santana do Livramento. No intento de realizar o trabalho com maior cautela e observar todos os pontos necessários foi escolhida também a análise de material em áudio para colocar em prática a pesquisa, além do acompanhamento in loco de um programa e as entrevistas realizadas com duas profissionais que trabalham no grupo. Para a análise final, optou-se por observar a transmissão de três programas em dias alternados, com o propósito de compreender como são tratadas questões relacionadas à mulher no programa Jornal da Manhã.

A partir do acompanhamento desses programas, foram selecionados alguns itens para nortear a pesquisa, são eles: a mulher como pauta, entrevistada e convidada. Esses

três dias resultaram na elaboração do quadro abaixo com o intuito de gerar discussões acerca do tema sobre a mulher na mídia fronteiriça.

QUADRO 4 – Análise dos programas para fundamentação da pesquisa

	Segunda-feira, 22 out. 2018	Quarta-feira, 24 out. 2018	Sexta-feira, 26 out. 2018
Pautas totais do programa	24	35	36
Pautas específicas sobre a mulher	2	2	1
Entrevistas totais do programa	2	5	5
Entrevista com especialista mulher	Nenhuma	3	3

Fonte: Elaboração a partir da análise dos programas divulgados no canal do *YouTube* da TV A Plateia.

No programa do dia 22 de outubro de 2018, o período de apresentação do mesmo foi menor em razão de ser uma semana antes das eleições e, naquele dia, haver a transmissão do debate entre os, até então, candidatos ao governo do Rio Grande do Sul. Por esse motivo, foi analisada apenas a uma hora de programa transmitida. Nessa segunda-feira o Jornal da Manhã teve um total de 24 pautas noticiadas sendo que dessas, apenas duas envolviam mulheres. Essas pautas específicas relacionavam a mulher com a violência. Quanto às entrevistas, foram apenas duas realizadas ao longo do programa e nenhuma delas possuía uma mulher como escolha de fonte. Em uma dessas entrevistas, realizada com o Secretário de Saúde de Santana do Livramento, Sérgio Aragon, o assunto abordado foi sobre Mamografia e Papanicolau, pauta de interesse das mulheres.

A quarta-feira 24 de outubro de 2018, segundo programa escolhido para observação, já retornou ao horário normal com duração de duas horas. Nesse tempo foram apresentadas 35 notícias e, novamente, apenas duas envolviam mulheres em situações de violência. A diferença examinada aqui é quanto ao aumento do número de entrevistas e às mulheres escolhidas, pois das três, duas representavam órgãos de referência sobre o tema, enquanto que a outra representava a sua habilidade laboral. Das cinco pessoas entrevistadas nesse dia, três delas eram mulheres. Os assuntos aqui tratados foram sobre doação de sangue e também o descarte de lixo na cidade.

No último dia analisado, a média de pautas totais divulgadas durante o programa foi quase a mesma do observado anteriormente, houve apenas o acréscimo de uma notícia. A distinção foi na queda de número de notícias relacionadas à mulher, que nesse dia teve o número mais baixo: apenas uma. A única pauta específica sobre o gênero feminino tratou sobre sequestro e morte da menina Eduarda Herrera, que ocorreu na capital gaúcha naquela semana. O número de entrevistas totais e femininas continuou o mesmo, visto que dessa vez das três mulheres entrevistadas, duas eram donas de casa que abordaram o repórter enquanto o mesmo fazia a denúncia de problemas na pavimentação das ruas de Santana do Livramento.

É nítido perceber como as pautas relacionadas com a mulher envolvem casos de violência. Nos dias analisados essas pautas giraram em torno de feminicídios e agressões sofridos por mulheres em situação de vulnerabilidade. Segundo os profissionais que lidam com a informação é possível observar o aumento dos casos referentes à violência contra a mulher nos finais de semana, isso apenas a partir dos dados das ocorrências que são denunciadas, deixando de lado os que acontecem mas as vítimas decidem não ir à Delegacia. Assim, também são pensadas maneiras de incentivar a mulher na procura de ajuda, a fim de garantir que a partir dessa denúncia não irá sofrer medo ou tornar-se vulnerável. Keila ressalta que esse incentivo é feito a partir de falas durante a divulgação das informações garantindo que a Lei Maria da Penha as ampara e assegurar o acesso à psicóloga e à assistência social para auxiliá-las.

Quando questionada sobre a pauta específica sobre a mulher, Keila responde que geralmente dá preferência para essas pautas quando aparecem em destaque nos sites que ela busca as informações. A apresentadora conta que geralmente essas pautas são as que mais geram engajamento, e o Grupo A Plateia, pensando na venda do produto (nesse caso, a notícia), precisa pensar estrategicamente na publicação de algumas notícias para trazer a atenção do público. “Infelizmente as pessoas gostam e dão mais audiência para os casos de polêmicas, geralmente ligados à violência contra a mulher”, relata Keila.

Keila conta que nunca teve problemas por ser uma mulher à frente de um programa de rádio na região fronteira. Ela explica ainda que essa característica talvez seja pela maneira com que, desde o início, foi inserida no contexto do programa, onde entrou aos poucos até chegar na ancoragem. “Fico muito feliz de ser âncora do jornal no sentido de ser uma mulher e ter esse privilégio, para mim é maravilhoso saber que a mulher pode ocupar todos os espaços hoje, por seu mérito e competência”, comenta. Aqui,

observa-se então que nem todos os espaços revelaram a presença de machismo, nesse caso a radialista, aos poucos, ganhou espaço dentro da emissora até chegar no lugar que ocupa atualmente.

É possível perceber que a emissora tem se preocupado nos últimos anos com uma programação especial pensada no Dia Internacional da Mulher, comemorado em 08 de março. A rádio organiza programas voltados às temáticas femininas e traz especialistas mulheres de diferentes assuntos para fazer parte da apresentação do programa Conversa de Fim de Tarde. A mesa, que normalmente é composta majoritariamente por homens e apenas Keila, é constituída nesse dia apenas por mulheres que articulam e debatem sobre suas opiniões nas mais diversas áreas.

O espaço de voz às mulheres são maiores em outros programas, principalmente naqueles em que o foco são as entrevistas, diferente do que acontece no Jornal da Manhã onde ocorre principalmente a leitura de notícias. Nesses então, a emissora busca mostrar o espaço que a mulheres vêm conquistando e uma visão mais “positiva” da mulher, pois segundo Keila o público ainda dá mais destaque às pautas que associam as mulheres às polêmicas. Os profissionais do radiojornalismo do Grupo A Plateia pretendem mudar essa visão a partir de pautas que empoderem e deem autonomia para a mulher. Como explica Keila: “acreditamos que somos um grande influenciador na comunidade, e essa influência busca divulgar e incentivar a valorização das mulheres”.

Os critérios na divulgação de informação quando relacionados à violência contra a mulher são importantes. A emissora tem cuidado para não divulgar o nome e nem o rosto das vítimas, a fim de preservar sua integridade. Quando é relacionado à Lei Maria da Penha ainda evitam dar detalhes para não violar mais os direitos da vítima, não expondo o caso, visando apenas a informação da população a fim de também conscientizar os ouvintes a partir daquela notícia. Esse cuidado em não expor a vítima é por conta das muitas mulheres que depois retiram a queixa com medo da família descobrir.

Essas atitudes podem ser explicadas através da construção social em que a figura da mulher está envolvida, fazendo com que muitos pensamentos machistas de uma sociedade predominantemente patriarcal se concretizem na forma de violência (seja ela física, emocional ou psicológica) contra as mulheres. A ideologia machista observada cada vez mais acentuada na condição da mulher gaúcha, principalmente à mulher de fronteira, marca uma verificação no cancionário gaúcho, onde a mulher é apresentada e

descrita a partir da sua relação com a imagem do “peão”. Essas representações povoam e são comuns no imaginário popular gaúcho, aqui notável na região fronteira. O culto às tradições regionais em função da construção histórica dessas áreas, colabora para a criação da imagem de uma mulher idealizada a partir daquela que vivia no campo.

O tradicionalismo gaúcho é considerado um dos maiores movimentos culturais do mundo contemporâneo, pois compreende um conjunto de atividades que visa celebrar a figura do gaúcho. A história literária do Rio Grande do Sul teve embasamento e foi retratada conforma a figura machista e valente de um gaúcho que “andava pelos pampas em busca de gado, homem selvagem que não levava desaforo para casa”. (SOARES, 2013) Quando a mulher é mencionada nessa construção histórica é retratada como as “chinocas” ou “chinas”, que acompanhavam esse “peão” durante seu tempo fora de casa enquanto isso as esposas ficavam no ambiente doméstico esperando pelo retorno de seus maridos.

O conceito de violência de gênero deve ser entendido como uma relação de poder, de dominação do homem e de submissão da mulher. Ele demonstra que os papéis impostos às mulheres e aos homens, consolidados ao longo da história e reforçado pelo patriarcado e sua ideologia, induzem relações violentas entre os sexos e indica que a prática desse tipo de violência não é fruto da natureza, mas sim do processo de socialização das pessoas. Assim, não é a natureza a responsável pelos padrões e limites sociais que determinam comportamentos agressivos aos homens e dóceis e submissos das mulheres. Os costumes, a educação e os meios de comunicação tratam de criar e preservar estereótipos que reforçam a ideia de que o sexo masculino tem o poder de controlar os desejos, as opiniões e a liberdade de ir e vir das mulheres. (CAVALCANTI, 2005, p. 2)

De acordo com os pressupostos do direito à comunicação, a mulher, aqui representada por Keila Louzada, está ocupando um cargo importante e privilegiado. Ser âncora de um programa possui grande visibilidade, segundo o ponto de vista da comunicação. Entretanto, esse espaço poderia ser aproveitado para evidenciar e debater as questões que envolvem a mulher nessa região. Indaga-se por que não existe uma pauta fixa e diária sobre a mulher dentro do programa, já que uma mulher está à frente do microfone e, de modo geral, existem poucas oportunidades na mídia para se discutir as questões femininas. O princípio do jornalismo, segundo Traquina (2005), é de que o profissional da comunicação possui a proposição de fazer uma construção social de uma realidade, nesse sentido, a radialista poderia problematizar situações relativas à realidade da mulher, que segundo observamos aparece poucas vezes como pauta principal dentro do programa.

Não é só na região fronteira que isso deveria acontecer, nos veículos de comunicação muitas mulheres ocupam posições de evidência e esquecem pautas que poderiam contribuir para gerar discussões na sociedade em relação aos problemas que lhes dizem respeito. A carência dentro do jornalismo é investigar a fundo informações relacionadas a pautas sobre gênero. O Grupo A Plateia tem como intuito agradar seu público, trazendo à tona aquilo que o interessa em relação ao cotidiano, porém, o trabalho do jornalismo como concessão pública é ainda maior, visto que para a comunicação estabelecer seu trabalho de fato, é imprescindível que seja a partir daquilo que pode ser considerado justo, relevante e humano conforme os princípios jornalísticos.

O rádio possui um potencial de articulação grandioso na zona fronteira, é necessário que esse elemento seja a peça chave dentro do veículo de comunicação. É a partir da linguagem que o rádio ultrapassa os limites do real criando uma realidade que é representada com mais veracidade, a fala do locutor no microfone é percebida pelo ouvinte e proporciona uma relação de identificação, transparecendo a naturalidade desse veículo. É preciso apostar na humanização da mídia, “mesmo que a linguagem no rádio seja uma representação da realidade, ela produz no ouvinte a sensação de estar vivendo aquilo que está ouvindo, como uma intensa e emocionante viagem que conduz ao real” (RADDATZ, 2009, p. 75)

Os meios de comunicação surgem como uma possibilidade de oferecer pautas para a população discutir e não somente o contrário, Silverstone (2002) diz que a mídia se alimenta das práticas sociais da sociedade para produzir conteúdo e a sociedade também se alimenta da mídia para continuar formando suas opiniões e discussões. Assim, talvez a emissora esteja valorizando bastante as pautas trazidas pelos ouvintes através das redes sociais e pecando pela falta de provocar e produzir ela mesma pautas que contribuam para debates mais críticos sobre temas relacionados à problemática de gênero, uma questão emergente na sociedade contemporânea.

A RCC FM, por possuir o caráter de um suporte tecnológico presente na sua programação poderia se utilizar dessa influência em vários canais para trazer maior interação das mulheres em pautas de interesse delas. O rádio encontra mudanças na interatividade com os ouvintes, uma vez que esse veículo usufrísse apenas da narrativa sonora para alcançar seu público, hoje com a *web* encontra diversas ferramentas que auxiliam para o alcance ao seu público.

O rádio fala agora com um público inserido no contexto da cultura de convergência (JENKINS, 2006) que contempla várias plataformas para essa comunicação. Assim, a radialista ocupando dessas possibilidades poderia criar um canal direto de participação das mulheres fronteiriças em seu programa, a partir de enquetes, levantamentos e pautas que afetam diretamente na vida das mesmas.

5. CONCLUSÃO

Nos últimos séculos, as mulheres assumem papel de protagonismo dentro de um sociedade predominantemente patriarcal. Com a construção de discursos machistas que apresentavam a figura feminina em uma posição de submissão por sua natureza de reprodução, a luta feminina assume seu papel em busca da igualdade de direitos. A mulher tem almejado seu espaço e conseguido inúmeras vitórias, reduzindo a fronteira que existe entre os gêneros.

Desse modo, o presente trabalho partiu de um olhar diferenciado da região fronteira. Além das dificuldades enfrentadas por seus habitantes com a violência e o tráfico de drogas, que seguidamente são divulgadas nas mídias tradicionais, a fronteira “*de la paz*” das cidades de Santana do Livramento, Brasil, com Rivera, no Uruguai, apresenta particularidades e fundamenta a observação dessa monografia, que teve como guia a preocupação com questões de gênero na mídia radiofônica dessa região.

A partir do estudo de caso realizado com a emissora RCC FM, pertencente ao Grupo A Plateia de Comunicações, é possível entender que a mídia fronteira aborda em suas programações temas recorrentes ao espaço em que está inserida. Isso demonstra a importância do trabalho jornalístico para que ocorra a difusão dessas informações.

Por todos os aspectos levantados durante o estudo, foram assinalados tópicos sobre a representatividade da mulher na fronteira. Conforme analisado, a RCC FM e o Grupo A Plateia demonstram cuidado ao abordar pautas referentes a feminicídios e demais casos de violência contra a mulher. Quanto ao programa Jornal da Manhã, observa-se que o número de pautas específicas sobre a mulher é pequeno em relação às demais abordadas durante a transmissão do mesmo. A ampliação do olhar sobre a violência doméstica e de gênero encontra reflexos neste lugar, pois ambos os lugares aqui estudados (Brasil e Uruguai) possuem traços marcantes do patriarcalismo, que se caracteriza como a inferioridade do feminino.

O estudo feito faz pensar que ainda existe uma falta de questionamentos acerca dos problemas enfrentados pelas mulheres na fronteira de Livramento – Rivera, uma vez que encontra significativa carência na abordagem de pautas relacionadas às mesmas. O resultado da análise mostra que durante três dias de transmissão do programa Jornal da Manhã, apenas cinco notícias abordavam, especificadamente, sobre a mulher, sendo que

na maioria delas a figura feminina referente ao acontecimento não era da região fronteiriça.

Com relação às entrevistas, mesmo que o assunto discutido fosse relacionado diretamente com o universo feminino, ainda assim a escolha da fonte não conta com diferenciação de gênero. Mesmo que os números de mulheres entrevistadas sejam mantidos durante os últimos dois programas analisados, poucas assumem o papel de especialista. O que chamou a atenção, na sexta-feira, é que duas das fontes entrevistadas eram donas de casa, as quais prontamente se dispuseram a falar com o repórter a fim de contribuir para a notícia.

Esse caráter também revela como a RCC FM apresenta uma boa interatividade com seu público. O programa *Jornal da Manhã*, segundo os proprietários, responsabiliza-se por um dos maiores números de audiência da emissora, particularidade adquirida por características informais durante a apresentação, revelando uma natureza mais leve ao radiojornalismo.

O traço específico sobre a interatividade surge mais forte com a implementação das inovações tecnológicas à programação da rádio. Com a transmissão do programa também pela *lives* na rede social, os profissionais conseguem atingir um público que não é mais adepto ao processo de ouvir o rádio de maneira tradicional, através de um aparelho.

Assim, sabendo que o trabalho da RCC FM abrange diversas faixas etárias dos dois países, é considerável reforçar maior inclusão de pautas que incitem discussões sobre violência de gênero na região fronteiriça. Este é um problema social desmesurado cujas consequências levam aos mais tristes dos episódios. Ressaltar, pela mídia, o quanto ele acontece, possibilita que diversos fatos, protagonizados por mulheres agredidas de quaisquer maneira, diminuam, paulatinamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVILÉS, Jose Alberto Garcia. Desmistificando la convergência periodística. In: Chasqui – **Revista Latinoamericana de Comunicación**. Edição web nº 94, junho, 2006.
- BOCK, Marjorie Barros; RADDATZ, Vera Lucia Spacil. **Mídia e direitos humanos: a representação da mulher na mídia de fronteira**. Salão do Conhecimento, [S.l.], set. 2018. ISSN 2318-2385. Disponível em: <<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/9617>>. Acesso em: 08 nov. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina: a condição feminina e a violência simbólica**; tradução Maria Helena Kühner. 1ª edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- BRASILEIROS NO MUNDO. **Resultados preliminares do censo de brasileiros no Uruguai**. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/resultados-preliminares-do-censo-de-brasileiros-no-uruguai>>. Acesso em: 05 out. 2018.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 15ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.
- CAVALCANTI, Stela Valéria Soares de Farias. **A violência doméstica como violação dos direitos humanos essenciais**. Disponível em: <<http://www.jusnavegandi.com.br>>. Acesso em 20 out. 2018.
- COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção histórica do corpo feminino**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.
- COSTA, Luciana Miranda; COSTA, Paula Catarina de Almeida. Rádio web: o mundo é logo ali. In: KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair. **História da Mídia Sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- COMUNICAÇÃO, Empresa Brasil de. EBC. **Primeira transmissão de rádio no Brasil completa 90 anos**. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/2012/09/primeira-transmissao-de-radio-no-brasil-completa-90-anos>>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- DEL BIANCO, Nélia. Promessas de mudanças na programação e nas linguagens das emissoras digitalizadas. In: MAGNOLI, Antonio Francisco; CARVALHO, Juliano M. de. (org.) . **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Ed. Senac, 2010.
- ESPECIAL 30 ANOS, RCC FM 95.3. Disponível em: <<https://pt.calameo.com/read/0007970319cf3cf371c05>>. Acesso em: 26 out. 2018.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul: (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais.** Canoas: Ed. da ULBRA, 2002.

_____, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática.** Summus Editorial. São Paulo, 2014.

GUINDANI, Joel Felipe; MARTINS, Tiago Costa. **Implicações (I)legais da radiofusão na fronteira São Borja (BRA) e Santo Tomé (ARG): o caso da Rádio Aurora FM.** In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil; MULLER, Karla Maria. *Comunicação, Cultura e Fronteiras.* Ijuí: Editora Unijuí, 2015.

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência.** Tradução Susana L. de Alexandria. 2ª edição. São Paulo: Aleph, 2009.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Métodos de pesquisa qualitativa aplicada à comunicação radiofônica. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (orgs.). **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

_____, Marcelo. **O rádio sem onda: convergência digital e novos desafios na radiodifusão.** Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

LOPEZ, Debora Cristina. Marcos tecnológicos do radiojornalismo no Brasil: uma revisão histórica. In: KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair (Org.) **História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

_____. **Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio *all News* brasileiro em um contexto de convergência tecnológica.** LabCom Books, 2010.

_____, Débora Cristina. Rádio com Imagens: uma proposta de sistematização do uso de vídeos em páginas de emissoras de rádio. **Brazilian Journalism Research - Volume 8 - Número 2 - 2012.**

MARROQUIM, Rafael. **Jornalismo e construção social da realidade: o despertar do acontecimento e a composição da notícia.** XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, set. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-1837-1.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar; DÍEZ UNZUETA, José Ramon. **Lenguaje, géneros y programas de radio: introducción a la narrativa radiofónica.** Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2005.

MONTEIRO, Licia Caetano do Rego; AMARAL, Pedro Aguiar Tinoco do. **A Rede de Enfrentamento à Violência contra a Mulher na Faixa de Fronteira: em Busca da Visibilidade.** 2015. Disponível em: <<http://e->

revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/16594>. Acesso em: 16 de set. 2018.

MÜLLER, Karla. Mídia local fronteiriça: do impresso ao on-line. In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil; MULLER, Karla Maria (Orgs.). **Comunicação, cultura e fronteiras**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.

_____, Karla. **Presença de fronteiras culturais na mídia local de fronteiras nacionais**. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande - MS, v. 4, n. 7, p. 69-81, jan./jun. 2012.

OTA, Daniella Cristiana. **A informação jornalística em rádios de fronteira: a questão da binacionalidade em Ponta Porã – Pedro Juan Caballero e Corumbá – Puerto Quijarro. Tese de Doutorado**. (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. O rádio de fronteira na web. In: **Communicare**. Centro Interdisciplinar de Pesquisa. – v. 7, nº 1 (2007). – São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2007.

_____. **Rádio de fronteira: da cultural local ao espaço global. Tese (Doutorado em Comunicação)** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

_____. Fronteiras culturais: o papel do Rádio Fronteiriço. In: RADDATZ, Vera (Org.). **Comunicação, cultura e fronteiras**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado: convergência de medios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Editorial Sol 90, 2008.

SILVA, Maurício Pinto da. **Cooperação em Saúde na Fronteira Brasil/Uruguai**. Comitê Binacional de Integração em Saúde: Santana do Livramento-Rivera. Pelots; Editora Universitária/UFPEL, 2010.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SOARES, Laís Góis. **Pensando as categorias de gênero e raça no universo tradicionalista: uma etnografia no centro de tradição Tiarayu, na zona norte de Porto Alegre**. Seminário internacional fazendo gênero, Florianópolis, v. 10, n. INSS 2179 – 510, p.111-222, 2013. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373393225_arquivo_067genero,racaecorporalidade.pdf>. Acesso em: 26 out. 2018.

SSP, Secretaria de Segurança Pública - Departamento de Integração, Planejamento e Política de Segurança - Observatório Estadual de Segurança Pública. **Monitoramento dos indicadores de violência contra as mulheres e meninas**. Disponível em: <<http://www.ssp.rs.gov.br/upload/arquivos/201805/18130728-indicadores-criminais-geral-2018.xlsx>>. Acesso em: 15 set. de 2018.

____, Secretaria de Segurança Pública – Departamento de Integração, Planejamento e Política de Segurança – Observatório Estadual de Segurança Pública. **Indicadores Criminais por município - Período: de 01 de janeiro à 30 de setembro de 2018 - Fato Consumado.** Disponível em: <<https://ssp.rs.gov.br/upload/arquivos/201811/08154922-indicadores-criminais-por-municipio-2018.xlsx>>. Acesso em: 06 nov. de 2018.

STURZA, Eliana Rosa. **Fronteiras e práticas linguísticas: um olhar sobre o portunhol.** In: Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana. Vol. 2, No. 1 (3), Políticas da Linguagem no Brasil, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005.

WARREN, David. **Radio: the book.** For creative professional programming. 4. Ed. Burlington: Focal Press, 2005.

ENTREVISTAS REALIZADAS

BRAIDA, Janete. **Entrevista pessoal.** Rádio RCC FM: Santana do Livramento, 08 de outubro de 2018.

LOUZADA, Keila. **Entrevista pessoal.** Rádio RCC FM: Santana do Livramento, 21 de setembro de 2018.